



"Dirigindo o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), em 1951 designei J.A.Peret para trabalhar com os índios Karajá, onde ele permaneceu por longos anos, aprendeu o dialeto e os costumes daquele povo. *Mitos e Lendas Karajá* é o resultado de suas experiências e um exemplo a ser seguido por quantos observaram e conviveram com nossos índios." José Maria da Gama Malcher – Ex-diretor do SPI – FUNAI

"Mais uma vez J.A. Peret enriquece nossa cultura com o saber de uma comunidade simples – os Inã Son Wéra – que, descrevendo a criação do mundo, dizem: "... depois brotaram as flores perfumadas que atraem para o amor e dão origem às florestas..." ou "... que manda os ventos misturarem as coisas e semearem as plantas...". *Mitos e Lendas Karajá* está fadado ao sucesso." Ney Land – Antropólogo – FUNAI – Diretor do Museu do Índio

"Felictito o autor de *Mitos e Lendas Karajá* pela sua persistência, paciêncie e capacidade de recolher e traduzir as belas histórias dos índios da Ilha do Bananal – Goiás". Acary Passos de Oliveira – Diretor do Museu Antropológico – Universidade Federal de Goiás

"Especializado sobre a cultura indígena, tal como já havia revelado em livro anterior – População Indígena do Brasil – o autor enriquece a bibliografia nacional, com essa nova contribuição específica sobre a tradição espiritual através de mitos e lendas dos índios Karajá. Trata-se, sem dúvida, de mais um relevante trabalho, que só merece aplausos." Manuel Diégues Junior – Diretor do Departamento de Assuntos Culturais (DAC) – MEC

"Neste livro, Américo Peret, já consagrado especialista na temática indígena, revela os *Mitos e Lendas Karajá*, – a cultura de uma população em extinção – e nos ensina a estimar esse povo que possui uma poderosa força criadora que vem se impondo no quadro étnico-cultural do Brasil." Arthur Cezar Ferreira Reis – Conselho Federal de Cultura – MEC

# Mitos e Lendas Karajá

Mitos e Lendas Karajá

# Mitos e Lendas Karajá

## Inã Son Wéra



João Américo PERET

ao  
aqui  
passei,

## Mitos e Lendas Karajá

a foto  
do vóio Araújo  
20.10.20

Xixi  
com um  
obraso.

**João Américo PERET**

Sertanista-Indigenista e Jornalista

# **Mitos e Lendas Karajá**

## **Inã Son Wéra**

**Pesquisa de Campo e Fotos do Autor  
entre 1947 e 1962**

*Renato Nicolai*

Rio de Janeiro, 1979

Copyright © 1979 by  
J. A. PERET

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a permissão por escrito do autor. Sanções previstas no art. 122, da Lei n.º 5.988, de 14 de dezembro de 1973.

Capa e diagramação: Ivanio Cunha

Revisão tipográfica: Humberto Arenare Filho

Esta edição recebeu a colaboração da Companhia Cervejaria Brahma

Pedidos ao autor:

JOÃO AMÉRICO PERET  
Rua Cotia, 25/102  
Rocha  
20.960 – Rio de Janeiro, RJ  
Telefone: (021) 261-7849

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Peret, João Américo  
Mitos e lendas karajá; inã son wére. Rio de Janeiro, 1979.  
102p. ilust.

1. Índios Karajá – Lendas. I. Título.

CDU 398.2(81-082)

Os mitos e lendas Karajá foram narradas na *Casa das Máscaras* pelos antigos:

|          |               |
|----------|---------------|
| Kuriála  | (Pajé)        |
| Maluá    | (Cacique)     |
| Oubedo   | (Pajé)        |
| Texibré  | (Pajé)        |
| Uatauzim | (Pajé)        |
| Arutana  | (Conselheiro) |
| Uatau    | (Cacique)     |

Foram ouvidas por nós como histórias:

|                 |
|-----------------|
| Andêciuála      |
| Mahurinauê      |
| Maluaré         |
| Tebukua         |
| Sarikina        |
| Kudioêne        |
| Toilá           |
| Peret (o autor) |
| e outros.       |

Talvez esta obra ainda seja “lida” pela nova geração Karajá, como estórias . . .

E ao amigo:

Paulo Cesar da Silva Gonçalves

# Índice

|  |     |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO .....   | 9   |
| <b>1.<sup>a</sup> Parte – LENDAS DE KANANCIUÉ:</b>             |     |
| A Criação do Mundo (A 1. <sup>a</sup> Origem dos Inã) .....    | 15  |
| A Conquista de Maheíco (O Casamento de Deus) .....             | 19  |
| Em Busca dos Astros (Origem do Dia) .....                      | 23  |
| Krô-Uété e Ar-hã (Sapo de lagoa e Sapo de árvore) .....        | 29  |
| A Urá-urá e o Uó-ré (A Garça e o Jaburu) .....                 | 33  |
| Boro reôtê (Arraia de Fogo) .....                              | 37  |
| Ú-ô-rú e o Ku-ré (Poraquê e o Camaleão) .....                  | 39  |
| <b>2.<sup>a</sup> Parte – LENDAS DE IDIANAKATU:</b>            |     |
| Kotu-biná (Origem do Jabuti) .....                             | 43  |
| As Filhas do Sol (Origem do Catamênio) .....                   | 47  |
| O Doré, o Korobi e o Ohã (O Papagaio, o Macaco e o Tatu) ..... | 52  |
| O Budóloké e o Wati (O Pirarucu e o Veadinho) .....            | 55  |
| <b>3.<sup>a</sup> Parte – OUTRAS LENDAS:</b>                   |     |
| O Segredo das Máscaras (O Fim do Mundo – Fogo) .....           | 59  |
| O Diuré e os Biri (A 2. <sup>a</sup> Origem dos Inã) .....     | 63  |
| Tainahakã (O Casamento da Estrela D’Alva) .....                | 67  |
| Amantes Feiticeiras (O Domínio das Mulheres) .....             | 73  |
| A Mulher-Cobra (O Domínio das Mulheres) .....                  | 79  |
| Rebelião das Mulheres (O Domínio das Mulheres) .....           | 83  |
| O Dilúvio (O Fim do Mundo – Água) .....                        | 89  |
| Inã-Son-Wéra (A 3. <sup>a</sup> Origem dos Inã) .....          | 95  |
| Região dos Índios Karajá .....                                 | 99  |
| APÊNDICE .....   | 101 |

# Apresentação

O que se sabe realmente do índio brasileiro . . . ? Como tem sido percebida sua imagem nos inúmeros contatos com os brancos, durante toda a história?

Existem duas formas de perceber o índio: em função dos contatos indiscriminados com os brancos, e de seus valores culturais autênticos que permanecem intatos.

Nossa história registrou, como primeira biografia do índio brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, ao Rei de Portugal, D. Manoel I: "... bem curados, limpos, gordos, formosos, gentis, de olfato aguçado, sentido atento e capazes de perceber os mais leves ruídos e odores . . . "

Depois, durante os primeiros séculos de exploração, defesa e ocupação de nosso território, surgiram os mais graves problemas entre os nativos e os colonizadores. E os índios, que haviam sido considerados bons e hospitalários, passaram a ser vistos como selvagens, irracionais, privados até de alma. O Papa Paulo III decretou o Breve "... reabilitando os índios no seu verdadeiro reino zoológico, declarando-os seres humanos".

Hoje em dia, em seu relacionamento com frentes pioneiras, alguns grupos indígenas foram absorvidos completamente. Outros, não resistiram aos choques interétnicos, e seus remanescentes sobrevivem aculturados à margem de nossa sociedade. Os restantes, assistidos nas reservas, conservam seus reais valores culturais intocados, não obstante os contatos com os brancos e outros grupos indígenas.

Surpreendentemente, pergunta-se: como um povo tão primitivo pôde preservar informações tão antigas e, de certa forma, atuais? Como conseguem perpetuar suas tradições?

Na maioria das sociedades tribais brasileiras existe uma "Escola-Internato", que é a "Casa das Máscaras Sagradas", onde os jovens ficam reclusos desde a puberdade e só são liberados quando estão aptos a assumir suas funções na comunidade.

Durante esse período de aprendizagem, que varia de três a cinco anos, o adolescente aprende a história da tribo, suas tradições, sua mitologia, e é iniciado nas artes manuais, na caça, na pesca e na sabedoria de viver em harmonia com a natureza. É ali que se forma a personalidade do jovem.

Existe um nivelamento cultural do grupo; por isso todos os guerreiros desempenham o papel de mestre, reunindo-se diariamente no "Terreiro de Recreação da Escola" para relatar as suas atividades, enquanto ocupam-se em fazer artesanato ou ensaiar danças, cânticos, competições esportivas e planejar outras atividades.

A fidelidade às suas tradições culturais é mantida por informantes que, de algum modo, tenham vínculos familiares com o Herói Mítico que originou a atividade tratada. Mesmo assim, existem os censores que policiam qualquer tentativa de incorporação de valores estranhos aos seus temas históricos.

As informações culturais, alegóricas e recreativas, vez por outra migram de uma para outra comunidade primitiva. Mas são adotadas com reservas, no dialeto original. Dessa forma, é garantida a sobrevivência de seus próprios valores.

Durante os rituais, o passado conserva uma relação estreita com o presente e os dois tempos se fundem. O índio revive o momento mitológico, que é estático mas permanentemente presente.

Como funciona a organização social e cultural do índio?

Sua íntima relação, com o Herói Mítico e com a natureza, inspira-lhe o uso de sinais distintivos, que estão expressos na pintura corporal e nos adornos de uso pessoal. Esse comportamento identifica a família, a idade das pessoas e seu estado civil; enfim, define a estrutura social, que se revela estável e retilínea, uma vez que os Heróis Míticos se equivalem em importância, perante a sociedade tribal.

Nas sociedades primitivas brasileiras todos participam de um regime comunitário, onde não há inveja, egoísmo ou disputas pessoais, e a meta é o indivíduo. Essa é uma regra geral, embora cada grupo se identifique por seus costumes particulares.

O que poderia ser considerado como camada social e política é mais um comportamento cumulativo-funcional, porque os chefes têm mais deveres que poder. Além de suas obrigações naturais, terão que exercer a política. E, nessa função, o objetivo é sempre o bem-estar do grupo. Quando surge um problema, cabe ao conselho examiná-lo e chegar a uma conclusão, e ao cacique executá-la, com discreta decisão.

Nesse regime as mulheres se igualam aos homens, em todos os sentidos. As restrições a certos tipos de atividades possuem raízes mitológicas, e estão relacionadas com os tempos cíclicos expressos em algumas lendas. Seu comportamento sexual, por exemplo, é tão livre quanto o do homem, e antes do casamento — na maioria dos grupos — ela pode ter quantos amantes desejar, uma vez que, logo após a puberdade, recebe um tratamento especial que lhe provoca a esterilidade temporária, bem como ensinamentos sobre o comportamento sexual. A seguir, ela é iniciada.

O pajé é quem estabelece o contato entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos. Ele vive uma outra realidade, um mundo mágico em que seu universo mental se expande e consegue um direto relacionamento com as forças da natureza, que são fontes inesgotáveis de experiências sensoriais. Por isso ele é o guia espiritual de seu povo, e pode resolver os problemas de saúde, sempre ligados ao sobrenatural.

A cultura secular do índio brasileiro, seu acurado sentido de identidade com a natureza, sua sensibilidade para os mistérios e as informações conservadas pela tradição oral até aos nossos dias estão fadadas ao desaparecimento, sem que dela tenhamos captado sua verdadeira dimensão e imenso significado.

É certo que as dificuldades na coleta de informações culturais diretamente dos índios nem sempre se originaram da imperícia dos pesquisadores modernos que, sempre apressados, de lápis e papel em punho ou simplesmente com um gravador começam logo a argüí-los, sem qualquer preâmbulo. É que diante do civilizado o índio assume uma atitude de "respeito e recato" ou de curiosidade. Na realidade, ele que é arguto e inteligente, gosta de se divertir "pregando peças" em nossa gente, como no seguinte caso:

Certa ocasião, observamos um informante nativo confirmar as errôneas suposições de um jornalista. Então perguntei ao índio, em seu dialeto:

— Por que você faz assim? . . .

— *Borreto!* . . . (não sei!) respondeu o Karajá. Ele parece que já sabe tudo, não é? . . . concluiu, sorrindo.

É de praxe entre eles, que são bons anfitriões, confirmar sempre o que o visitante estiver relatando. Portanto, se durante a entrevista a pessoa deixar transparecer que já tem uma resposta ele confirmará ou não, de acordo com a colocação da pergunta. Na certa que se alguém disser ao Karajá:

- Levei um tombo! . . . ele confirmará assim:
- Sei disso, porque você está me dizendo! . . .

Isso ocorre mesmo que tenha presenciado a queda.

A forma indicada que encontramos para recolher informações culturais dos índios foi participar intimamente das suas atividades, seus usos e costumes, aprender seus dialetos e ter o privilégio de ser adotado por uma família indígena. Essa ardilosa intromissão nos deu ótimos resultados.

#### **PRONÚNCIAS:**

**Ã** = Nasal (AN)

**H** = Igual ao -H- do inglês (marca uma aspiração forte e accentuada) = RR (rua)

**K** = KÁ, KÉ, KÊ (som diferente do -C-)

**R** = Tem dois sons: fraco ou forte (Pará ou Rua)

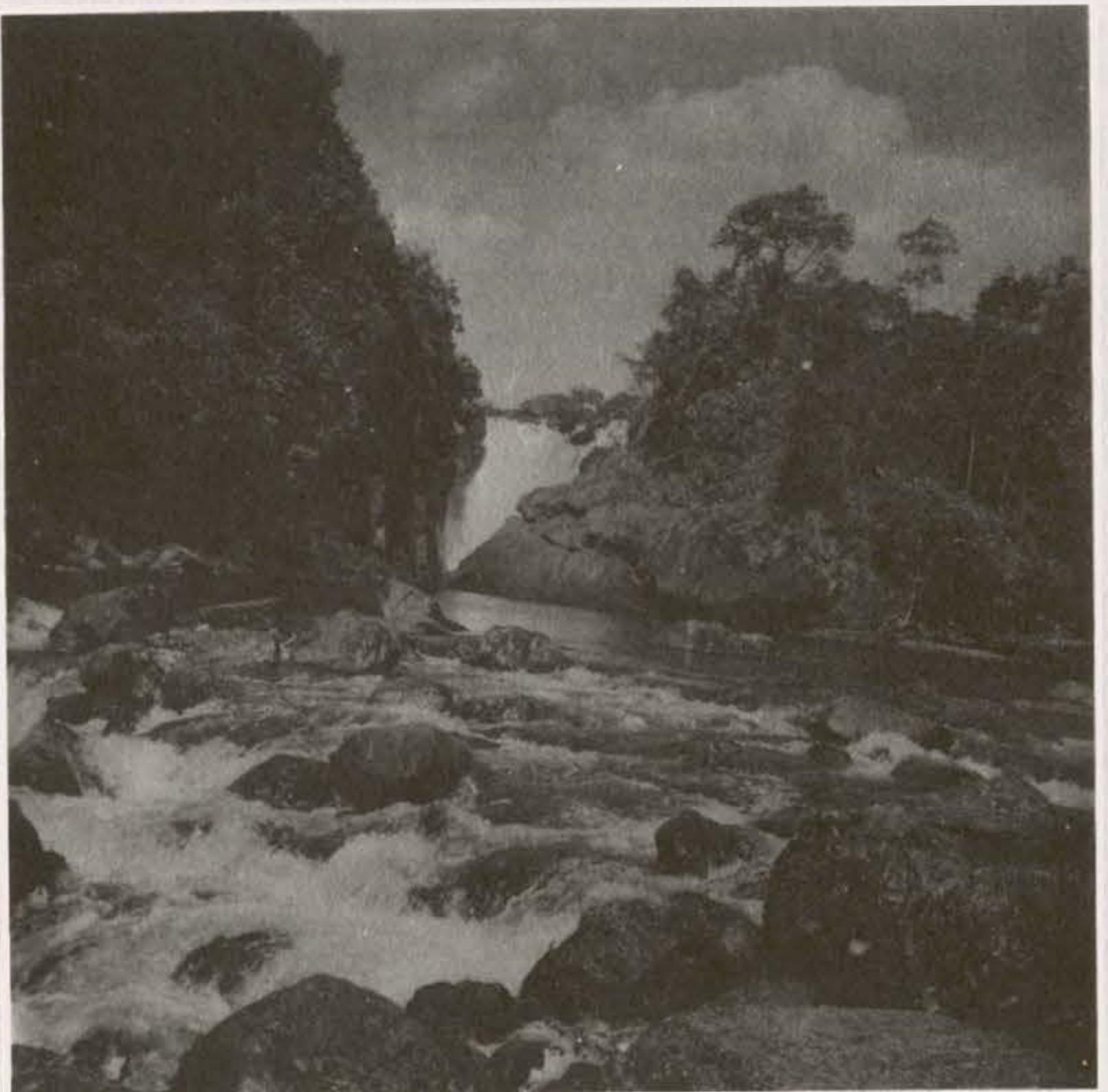
**Y** = Corresponde ao -Y- do francês = “yeux”

**Obs.:** Escrevemos, várias vezes, letras isoladas como sílabas, a fim de destacar sua formação. Ex.: ú-ó-rú.

## **1.<sup>a</sup> Parte**

# **Lendas de Kananciué**

# A Criação do Mundo



A CRIAÇÃO DO MUNDO – Cachoeira Tipotikré.

— *Kananciué konre hateboenekre* (o Criador não nasceu), ele sempre existiu! . . . Não sei como, mas ele é a origem das coisas — afirmava o pajé, falando sobre a criação do mundo.

Ele não teve pai, nem mãe, ou qualquer companheiro. Era só e único. Nem sequer tinha corpo como nós, porque certamente era igual a um pensamento bom. Ele não tinha idade, porque naquela época não se contava o tempo.

— *Āuōkōre suu* (Também não havia terra), *āuōkōre byu-e-téke* (nem sequer havia o céu — tenda da chuva). Tudo que existia era *Kananciué*; o resto nem chegava a ser uma idéia, era o nada.

Do nada, esse *Ohoti-Bedu* (Poderoso Feiticeiro) fez a terra. Ela surgiu num passe de mágica. No princípio era plana, lisa e pelada como um caco de cuia. Não havia uma só gota d'água. E para que iria ter água, se não havia ninguém para beber? . . . A terra era seca, torrada. Também não havia estações, porque toda época era igualmente seca, e nem existia luz, por menorzinha que fosse; nem mesmo de *urisá ni* (vaga-lume).

O Criador estava muito só na terra, e *uima, uima* (devagar, devagar) ele a foi transformando. Primeiro ele foi cavando o chão — abrindo valas e acumulando montículos de terra. Depois ele fez surgirem cabaças com água e as foi entornando sobre as montanhas. A terra foi bebendo, bebendo, até ficar encharcada e começar a vazar em forma de nascentes que, de poça em poça, foram escorrendo pelas ribanceiras em forma de cascatas, inundando as valas profundas e rasgando outras pelos caminhos, formando rios e lagos. Na caminhada apressada, as águas foram lavando a terra e formando as praias de cor

prateada. Para dar sossego às águas ele colocou pedras no caminho, formando alegres cachoeiras.

A tenda da terra era o céu, completamente vazio e abandonado.

*Kananciué teki uoru-rade* (Ele fez crescerem os cabelos da terra – as árvores). Eram as raízes que rasgavam o chão e os troncos que subiam preguiçosamente, ramificando-se em galhos que se cobriram de folhas para esconderem os mistérios, aumentando as sombras. Depois, brotaram as flores perfumadas que atraem para o amor e dão origem às florestas. Outras plantas rasteiras inundaram as baixadas num emaranhado de folhas e flores, tecendo as esteiras naturais com desenhos maravilhosos, tornando o chão macio.

O Poderoso Feiticeiro não parou aí. Ele lançou no espaço vazio uma cuia de água, dando origem ao *byu-e-téke* (tenda da chuva – o céu) onde moram as nuvens, sob os cuidados de um *Xandirióré* (o dono do trovão, relâmpago e chuva) que manda os ventos misturarem as coisas e semearem as plantas para depois a chuva esfriar a terra e remoçar as árvores.

Com o sopro da vida, ele deu alento a tudo que criou, formando legiões de *kuni* (almas) que são as poderosas forças invisíveis da natureza, dificílimas de serem controladas. Quando elas querem, arranjam uma *teke-kuni* (tenda, invólucro, corpo) e saem fazendo estripulias por aí.

Por fim, *Kananciué* criou o reino animal, que alegra e encanta a vida, numa canção de muitos ritmos e cores maravilhosas. No começo todos os bichos falavam a mesma língua e, até certo ponto, eram amigáveis, como se houvesse um espírito de confraternização universal, que só era quebrado na hora da comida. É que nem todos viviam só de frutas!... Essa solidariedade ainda persiste por ocasião das grandes inundações. Para cada animal ele deu uma alma, e para os grupos aparentados um animal-pajé, com muitos poderes mágicos, responsável pelos seus destinos e proteção geral.

*Kananciué* continua como um pensamento bom, e as coisas que criou fazem parte de seu corpo; quando algo perde o ritmo, ele sabe no mesmo instante. Porém não interfere, porque os pajés resolvem tudo direitinho.

“Sei que estas coisas parecem simples de se explicar, mas são coisas estranhas para se entender” – afirmava o pajé Inã.

Os animais conversavam com o Criador – segredavam seus desejos e pediam-lhe coisas quase impossíveis. Porém, quando o pedido era feito com muito amor, ele não resistia.

Foi assim que certa ocasião os peixes-*aruana*, através de seu guardião *Idianakatu*, pediram a *Kananciué* que os transformassem em outra espécie animal. O *Ohoti-Bedu*, diante de tamanha insistência, não se pôde negar, embora tenha argumentado sobre o prejuízo que eles teriam:

– Vocês são eternos; habitam as águas serenas e mornas do *Berohoká* (Araguaia), onde a felicidade não dá lugar ao sofrimento, ao perigo e à morte. Se vocês mudarem de forma e de ambiente levarão vida enganosa e curta, como todos os habitantes da terra.

– Ora *ulabiaua* (papai), não faz mal!... Tudo o que queremos é gozar as delícias de morar nas praias sedutoras do Araguaia, que encantam a alma e completam a alegria de viver! – pediram os *aruana*.

*Kananciué* não resistiu a estes argumentos e permitiu a transformação lenta e progressiva dos peixes em outra espécie animal, que antes não havia. E assim, surgiram os mais inteligentes e alegres seres que habitam a terra: os *Inã-Son-Wera* (povo verdadeiro – único ser humano verdadeiro). Só então é que a criação do mundo ficou completa. Bem, quase completa: faltava ainda a divisão do tempo... – comentou o pajé.

## A Conquista de Maheíco



Didiué, um tipo Karajá, semelhante a Maheíco.

*Kananciué rarasinakre titire!* . . . (O Criador continua como um sonho bom! . . .). Mas houve uma vez em que revelou-se como gente e foi morar junto com os *Inã*, nas praias lindas do *Berohokā*, onde a vida é mais gostosa de se levar.

Os *Inã* estavam felizes com a sua mutação de peixes em seres humanos. Libertos das águas, eles gozavam as delícias do novo ambiente: rolando nas areias macias, correndo nos campos orvalhados, sentindo o perfume da floresta, conversando com os bichinhos, desvendando mistérios e saboreando frutas deliciosas.

Estavam tão empolgados com a nova vida que demoraram a perceber que nem tudo era tão fácil. Aquele imenso céu, abandonado e sem claridade, escurecia a terra e escondia os alimentos, tornando a vida bem mais difícil e trabalhosa para os mais velhos.

Foi então que se lembraram de *Kananciué Inã* (Deus Homem), com todos aqueles poderes mágicos de criar e transformar as coisas. Ele bem que poderia arranjar uma solução! . . .

— Você precisa dar um jeitinho nessa *ubroró* (sombra) que traz um friozinho danado de arrepia a espinha, e encurta a distância de se enxergar. Assim, do jeito que está, não há velho que agüente.

Tentando resolver o problema com poder humano, o *Kananciué Inã*, aprisionou um bando de *urisá ni* (vaga-lumes) que, com pisca-pisca, iluminava o ambiente. Isso foi muito engraçado e divertido, mas os insetos morriam logo e a lanterna durava pouco.

O Poderoso Feiticeiro chamou então os *caiporas* que vieram cavalgando porcos e iluminavam o caminho por onde passavam, com seus corpos em labaredas flamejantes. Mas, irrequietos como são, não para-

vam de rodopiar nas areias e, alegres, retornavam à selva que é o seu lugar.

Por fim, *Kananciué* resolveu o problema produzindo uma luz que ficou. Era uma fogueira à lenha, tirada de árvores mortas, que iluminava e aquecia com as línguas trepidantes das chamas. Entretanto, ela consumia rapidamente a madeira e precisava ser alimentada constantemente. Foi uma boa ajuda, mas clareava pouco.

Na vida alegre da aldeia, as *uanadiórióré* (moças solteiras) disputavam o amor de *Kananciué Inā*. Só que apesar de serem esbeltas e ligeiras como as gazelas, perfumadas e sedutoras como as flores, ele não se decidia por nenhuma. E, essa atitude, ninguém entendia.

Um dia, porém, ele se deixou seduzir por uma jovem e lhe mandou pelos delicados colibris uma grinalda de flores coloridas. Estava lançada a sua sorte, nesse gesto arrojado.

— Quero *Maheíco* para mulher! ... ela é a criatura mais linda e provocante deste mundo — pediu ele ao *Matuari-titire* (o homem mais velho do grupo) e pai da jovem.

— Quanto a mim, não há qualquer objeção, mas você terá que pedir também o consentimento da mãe dela! ... — respondeu o velho.

— Nada disso! ... — replicou a velha. — Minha filha não vai casar com um homem qualquer. Você não serve! ... Ela é de boa família e muito prendada. E você, ninguém sabe quem é, ora essa; nem sequer tem mãe ...

A velha agia assim, porque este é o jeitinho que elas dão para valorizarem as filhas perante os pretendentes. No fundo, ela estava era muito contente com a escolha.

*Kananciué*, que não sabia desse artifício, e não tinha mãe para “transar” o pedido, ficou aflito, inibido e arrasado. Mas, para tirá-lo daquela “enrascada”, falou o marido:

— Ora, minha velha, *Kananciué* não é tão inútil assim. Ele é jovem, trabalhador e faz mágicas como ninguém. Quem sabe se não dará um bom marido e melhor genro? ... Assim, o velho “convenceu” a esposa e o casamento se realizou.

A natureza sorria em cascadas de delicadas flores, atirando-se das árvores para acolchoarem a cama dos nubentes. Enquanto isso, os maravilhosos “faunos”, soprando as flautas de argila, enchiham os ares de deliciosas músicas, atraiendo os duendes que transportavam pepitas de ouro, para que os noivos as atirassem no espelho do rio, e adivinhassem quantos filhos iam ter.

Acabada a lua de mel, como é costume da aldeia, o jovem foi morar com os sogros e levou a sua fogueira. Aconteceu, porém, que certa vez o fogo cochilava querendo apagar. Então, o velhinho levantou-se para apanhar gravetos. Ele tremia de frio e também de velhice. E saiu tateando nas sombras, procurando apoio. Suas pernas fracas tropeçaram e ele caiu, batendo a cabeça num toco. Cabeça quebrada e sangrando muito, o velho urrava de dor. Acudiram os parentes e ele, nervoso, não parava de xingar todo mundo, principalmente o genro *Kananciué*, pelo seu acidente.

— Você é o maior culpado, por nos arranjar uma droga de fogueira trabalhosa de se manter acesa, e da qual nem você mesmo cuida! Afinal, você bem poderia arranjar coisa melhor! ... seu impostor, malandro e inútil!

A sogra estava mais arreliada que o velho, parecendo uma *hemálá* (cobra) dando bote. Ficava na ponta dos pés e gesticulava agressivamente enquanto atirava-lhe impropérios:

— Você quer ser meu genro, não é? ... Quer ser poderoso, não é? ... E o que tem feito? Nada, nada. É igual a qualquer pessoa. Indolente, preguiçoso e não sai da “cama” desde que casou! ... É incapaz de nos arranjar luz verdadeira! ... Você não presta para minha filha, é melhor que desapareça, para sempre ...

*Kananciué* estava humilhado e arrependido de ter casado. Não tanto pela esposa *Maheíco*, que continuava delicada, bela e envolvente, mas pelos sogros ranzinhas que arranjou. A convivência na choça já estava insuportável, com toda aquela agressividade e zombaria. O que ninguém podia imaginar era que *Kananciué Inā*, mesmo tentando, não encontrava uma solução mágica para resolver aquele problema, e por isso, estava hesitante.

— Ah, benzinho! ... Arranja uma luzinha bem grande pra nós, vá! ... — insistia também *Maheíco*, pensando que só assim ficariam em paz com a família.

Diante de tanta insistência, o jovem *Kananciué* resolveu partir, embora ainda não soubesse o que iria encontrar para agradar a todos. Apenas estava certo de uma coisa: seus poderes mágicos tinham sumido, desde que começara a lua de mel.

— Eu prometo que só voltarei quando conseguir uma luz bem grande, duradoura e quente.

— *Bedereru-rerī harasinakre kai!* ... (Estarei triste, sonhando com você! ...) respondeu *Maheíco*, vendo-o partir para a busca



EM BUSCA DOS ASTROS – Ritual Aruanã.

## Em Busca dos Astros

A aldeia de *Idianakatu* ficou muito para trás, na caminhada de *Kananciué Inã*. No começo, ele viajava só e triste, levando consigo apenas as esperanças e o amor de sua esposa, *Maheico*, que verterá uma cascata de lágrimas e dissera:

— *Bedereru-rerí harasinakre kai!*... (Estarei triste, sonhando com você!...) A viagem foi revigorando o espírito de *Kananciué* e diminuindo a saudade. Assim, ele passou a ver e sentir melhor a natureza ao seu redor:

— Que maravilhosa beleza há por aqui: com toda essa vida se multiplicando e evoluindo; esses campos e florestas cobrindo tudo de verde em vários matizes; o movimento das águas saciando a sede da terra, alimentando os rios, as cachoeiras e tudo o mais que existe.... Essas coisas deslumbram a alma, inundam os olhos e o coração de ternura.

Dante de um rendilhado de ilhas que remansavam o rio, *Kananciué* deitou-se no macio da relva e continuou a conversar com a mente e a escutar uma eternidade de silêncio. Depois, fitando o infinito, perguntou:

— Por que o céu está vazio?... Ei, por que o céu está vazio?... — gritou bem alto, para o oco do mundo, como se ainda estivesse só. Isso acordou um bando de aves que dormitava na beira das praias, e que, esvoaçantes, repetiam como eco:

— Por que o céu está vazio?... Está vazio... vazio. Naquele instante, elas, também, descobriram o céu abandonado, triste e sem ninguém.

— Alguém enfeitiçou os astros e os guardou para se enfeitar — respondeu uma voz da floresta —, e assim se tornou o mais belo ser que existe . . .

— É verdade, sabemos muito bem que só o *Heresá-réri* (urubu-rei feiticeiro) tem uma longa e brilhante cabeleira! — confirmou a voz da raposa, em sussurro, para não ser descoberta pelo perigoso *Heresá-réri*.

— Onde mora esse tal urubu-rei?

— Ninguém sabe ao certo, porque ele é o mais ladino e desconfiado pássaro que anda por aí. Talvez more num pedaço de nuvem, pois vem sempre de cima, mas é fácil encontrá-lo. Onde houver uma carniça . . . — concluiu maliciosamente a raposa.

— Lá isso é verdade, mas sabemos que a varejeira azul é quem descobre o morto, revela a causa da morte e leva a mensagem ao seu mestre . . . — observou aquela primeira voz da floresta.

Com essas informações, *Kananciué* resolveu procurar um local adequado para montar sua armadilha. E o encontrou — era uma ilha de mato ralo, cercada de amplo terreiro nu, e junto a um lago todo espelho, todo cristal.

*Kananciué Inã* apanhou um galho de imbaúba longo e ocado, concentrou-se, e o foi engolindo até chegar aos intestinos. Depois, estendeu-se no terreiro, de barriga para cima, fingindo-se de morto. Na verdade, sua alma ficou de fora, desligada, invisível.

Pelo tubo de imbaúba, recendia o mau cheiro do “morto”, vindo de suas entranhas. Isso atraiu as moscas; e elas zumbiam barulhentas, festejando o inesperado alimento e comentando:

— Que bela estrepada levou o moço! . . . Quase que a lança lhe saiu do outro lado! . . . Quem nos terá preparado essa vítima? . . .

— Ei, vocês querem saber? Já fui até o miolo da barriga e provei a carniça; ela está macia, morninha e saborosa! . . . — falou uma enorme varejeira azul, saindo pelo tubo. Agora sim, vou direto chamar sua majestade, e voltarei montado em sua coroa-crista, para indicar-lhe o caminho mais curto . . .

Não demorou e apareceu no céu uma “coroa” de pretos urubus. Eles vinham como os redemoinhos, vasculhando a região, seguindo o rumo que a mosca lhes havia indicado.

— O cheiro está convidativo! . . . — disseram os primeiros a pouparem próximo ao “cadáver”, saltitando de um lado para outro, sem esquecer de dar uma ou outra bicadinha, para conferir se estava “ao gosto”. Porém esses abusados eram logo postos a correr, a fim de não se excederem e atacarem o petisco antes de o soberano chegar. Os

urubus mais conservadores mantiveram-se nas arquibancadas de galhos altos, com ares muito aristocráticos.

— Não seria melhor comermos um pouquinho só, enquanto ele não vem? . . . Ou quem sabe, ele terá encontrado coisa melhor no caminho . . . talvez ele nem venha . . . — eram os desejos ocultos dos mais afoitos.

Finalmente, boiando em vôo razante sobre o espelho d’água, orgulhoso de sua aparência e vaidoso de seu reflexo, chegou o urubu-rei. Magnífico, admirado e invejado por sua eterna juventude e vasta cabeleira, que brilhava como pirilampos. Ele pairou sobre a turba de carniceiros que lotava o terreiro e o ovacionava. Depois, fechou as possantes asas impecavelmente brancas, precipitando-se, pesadão, direto e alerta, sobre o peito de *Kananciué Inã*. Sua intenção era cumprir o ritual: primeiro, dava o golpe fatal de misericórdia, com aquele pouso violento, para evitar qualquer surpresa; depois, arrancava-lhe os olhos de um só golpe, para o caso de não estar bem morto. Os outros carniceiros aguardavam em silêncio o desfecho, para ovacionarem o *diuáçudu Heresá-réri* (o vencedor urubu-rei). Foi nesse momento que tudo aconteceu:

*Kananciué-Inã* voltou à vida e, rápido como a serpente, deu um abraço com força e determinação no monarca alado. Soprou fora o talo de imbaúba e cuspiu três vezes por cima do urubu-rei, para lhe anular as forças mágicas. Ambos rolaram no chão em breve luta e, finalmente, *Kananciué* ergueu-se, com o rei cativo.

— Ah! . . . das minhas “garras” você não escapa! . . . e agora vamos ter uma conversa nada amistosa . . .

Os súditos não esperaram ali o resultado da luta: correram para lugar seguro. Não foram longe porque, afinal de contas, daquela disputa poderia sobrar uma carniça verdadeira . . .

O astuto prisioneiro pediu que o afrouxasse um pouquinho, para arrumar suas penas imperiais e a desalinhada cabeleira. Porém a sua intenção era escapar. Como não deu certo, ele apelou:

— Não me faças mal, meu caro! Sou apenas um pobre e inofensivo urubu; urubu-rei . . . sem prestígio ou coisas de valor. Deixa-me partir, que nem me darei por ofendido.

— Ah! Isso tudo é muito simples de se resolver; basta que libertes a luz, que eu procuro e quero.

— Luz? . . . Mas nem sei do que estás falando! — respondeu o *Heresá-réri* com certa inquietação, pois pela primeira vez alguém se referia a seu mais remoto segredo.

"No começo do mundo ele havia recebido do Criador a incumbência de espalhar os astros no céu. Ao invés disso, ele preferiu guardá-los e transformá-los, com sua magia, em um adorno pessoal – aquela cabeleira de estranho brilho."

– Você não pode me enganar, porque já sabe que também sou feiticeiro. Você tem a luz e eu a quero, para atender aos desejos de minha esposa. Se não a entregar, vai se arrepender amargamente . . .

– Não é verdade! . . . eu não tenho essa coisa. Isso só pode ser intriga da raposa . . . Também sei que você já não tem esposa . . .

– Neste caso, vou puxar os teus lindos cabelos! . . .

E para demonstrar a sua decisão, arrancou-lhe um punhado deles.

O apavorado *Heresá-réri* libertou as primeiras *tainá* (estrelas), que não passavam de pequeninos olhos da noite, solitários e brilhantes, perdidos na imensa eternidade.

– Vejo que começamos a nos enfender. Mas esta luz não clareia nada . . . quero outra maior, bem grande.

– Eu não tenho outra, é tudo assim . . . quero dizer, só tinha mesmo essas aí.

*Kananciué* não gostou dessa mentira e arrebatou-lhe mais um chumaço de cabelos. O urubu-rei gemeu de dores, e retirou o encantamento de outros astros:

Surgiram as *Imásare hesereue hue* (assustados olhos de ema – Alfa e Beta, da constelação do Centauro); *Rātedeóta* (Sanhaços – 3 Marias, da Constelação de Órion); *Loró-botó* (7 Periquitos e o Inã caçador – Constelação das Plêiades); *Boro-hue* (Olhos de arraia – Alfa e Beta, do Cruzeiro do Sul); *Haloé-lubu* (Onça preta – Saco de Carvão), que fica abaixo das *Tainá titire* (caminho de estrelas – Via Láctea); por último, a *Tainahakā* (Estrela d'Alva, também chamada de Vésper), que anuncia o poente e o nascente.

Foi assim que *Kananciué Inã* conseguiu libertar os primitivos seres cósmicos, que foram destinados a povoar a *byu-e-téke* (casa da chuva – o céu) como os olhos da noite, que iluminam a terra e transportam para os sonhos de cada um aquilo que for desejado com firmeza.

– Pronto, aí estão as estrelas que eu havia "guardado". Agora, deixe-me ir embora, que já estou atrasado . . .

– Sei que existem outras e você as vai entregar, ou terminará careca e de pescoço pelado. Assim falando, *Kananciué* arrancou-lhe mais um punhado de cabelos.

– Está bem, já estou em carne viva e ridiculamente pelado; aí tens o que de maior existe . . .

Nesse instante surgiu um clarão, trazendo a assustada *Ahadu-hekā* (lua cheia), redonda de encantar. Ela corria vertiginosa e em zig-zague e por certo se perderia no infinito. Por isso, *Kananciué Inã* flechou-a na perna. Ela ficou macia e apanhou ritmo. Com sua esmagada e fria luz prateada ela foi banhando a terra, tornando-a romântica e impelindo os seres a se estreitarem no amor, ou transportando-os para um mundo de fantásticas ilusões.

– Só resta apenas uma, que é tão insignificante que nem vale a pena mostrar . . . – replicou o *Heresá-réri*, tristonho.

– Deixe que venha, senão vou transformar essas lindas penas brancas em negras, como as de seus parentes.

O urubu-rei, apavorado, libertou-a. Aos poucos, a luz prateada foi se transformando em cores vivas, como a do urucu e a da arara canindé: alegres e variadas, com predominância do vermelho, que "incendiava" as nuvens, as florestas e as águas, dando brilho a tudo, num magnífico festival de cores. O próprio céu se transformava, e as estrelas, que antes formavam cascatas de diamantes, foram ofuscadas pelo esplendor da nova estrela-gigante *Tsuú* (o Sol), cheio de vida e calor, encurtando a noite. Ele vinha quase tão rápido quanto um relâmpago; por isso *Kananciué Inã* flechou-o nas pernas, diminuindo-lhe a pressa. Assim, ele se tornou útil – transfigurando a natureza, clareando a vista na distância, dando início às estações e à contagem do tempo no universo.

Então, ocorreu a escolha entre os habitantes da terra. Os românticos preferiram caminhar com as estrelas, a lua e a fria madrugada. Os amantes da natureza, das cores vivas e alegres, do verão morno e bonito – que é o sorriso divino –, escolheram o sol.

Emocionado com a libertação dos astros e com os olhos amolecidos de ternura, *Kananciué* soltou o *Heresá-réri* que, frustrado, traz na calvície e no pescoço pelado a lembrança desse malogrado encontro. Porém, quando este já ia alto, o *Ohoti-Bedu Inã* (Poderoso Feiticeiro Karajá) perguntou:

– Como se faz para que a gente velha rejuvenesça? . . .

O urubu-rei deu a resposta, mas ouviram-na as plantas e os animais que estavam no alto. As pessoas não a ouviram. É por isso que florescem as plantas, e algumas aves trocam de plumas todos os anos e ficam jovens . . . as pessoas, não.

*Kananciué* regressou à aldeia de *Idianakatu*, e foi recebido com festas e muito carinho. Mas, *Maheíco*, sua esposa, cansada de esperá-lo

e sentindo-se viúva, já havia encontrado em *Kôbehi*, um jovem *Reri-Tâmara* (Aprendiz de Feiticeiro), o seu novo amor.

Triste, e sentindo-se traído, *Kananciué Iná* saiu por aí, punindo erros e transformando pessoas... Lembrando, ainda, as predições do feiticeiro urubu-rei: "... você já não tem esposa..."

## Kró-Uété e Ar-hã



MUIRAKITÁ

*Kananciué Iná* encontrou um recanto praiano hospitaleiro, prontinho para ser usado. Deitou-se oscilando o corpo para afrouxar as areias, melhorando a cama. Fitou na distância o céu bebendo o Ara-guaia e o viu todo vaidoso, alisando as águas para refletir as estrelas que viriam, em breve, espiar a noite.

Naquele recanto de paz, *Kananciué* viajou nas asas dos sonhos ao encontro de outras *kuni* (almas ou espíritos), reunidas nas florestas misteriosas, enquanto o seu corpo descansava sem nenhum perigo, sob a proteção de forças invisíveis, por ser ele o *Ohoti-Bedu* (Poderoso Feiticeiro).

Nessas reuniões de grande elevação espiritual, só os *Ohoti-kuni* (Poderosos Espíritos), responsáveis por grupos faunísticos, podem ingressar, para estudar com os *Ohoti-Kuni-Biná* (Poderosas Almas das Coisas) novas fórmulas medicinais da flora.

— Encontrei uma fórmula ideal para o aproveitamento dos peixes condenados a morrer de inanição nas lagoas que secam: basta esmagar o cipó de *âside* (timbó) e lavá-lo nessa água parada. Depois, enviarei calor para que a água fermente, e os peixes morrerão rapi-

damente e sem sofrimento. Desse modo, os *Inã* poderão pescar com maior facilidade e terão motivos para mais uma de suas festas. Acho que vou inspirar esta idéia ao pajé *Idianakatu!*... — falou o *Kuni-Tsuú* (Espírito do Sol).

— Por que você não toma a forma de *Inã* e arranja uma esposa entre as jovens daquele grupo?... — perguntou-lhe *Kananciué-Kuni*

— Sabe que já venho pensando nisso há algum tempo?... Acho que seguirei seu conselho!... — concluiu o *Kuni-Tsuú*.

— Conseguí um remédio que vai alegrar os velhos!... — prosseguiu *Kananciué-Kuni*. — Mistura-se um pouquinho de *alubô-uaó* (seiva de jatobá) ao *alubô-Adiú-têne* (seiva de catuaba) e obtém-se uma poção revitalizante e afrodisíaca de alto poder.

Também o *Bejue-Kuni* (Espírito da Saracura), preocupado com as longas viagens de recreio que suas parentas de vôo curto preferem realizar em balceiros, pelo Araguaia, identificou o *oleoni* (*landi*) como boa madeira para flutuar, e trabalharem na confecção de canoas.

Outra *Ohoti-Kuni-Biná* (Poderosa Alma das Coisas) falou das propriedades miraculosas da *tômâre duehéó* (resina do angelim). Porém seria necessário que fosse manipulada com: “água, saliva e seiva”. Mas, reconhecia que não havia nenhum vivente, ainda, com bastante habilidade e paciência para isso.

— Bem!... já que estamos falando em benefícios para os humanos, gostaria de reivindicar uma proteção para os meus parentes. — falou o *Kturá-Kuni* (Espírito do Peixe). — Os *Inã* estão se tornando perigosos; pescam até com archotes, quando estamos dormindo!... Se ao menos tivéssemos vigias...

*Kananciué-Kuni* anotava estas sugestões quando percebeu que lá na praia, onde seu corpo repousava, alguém se aproximava. Por isso, abandonou a reunião dos *Ohoti-Kuni* e regressou ao invólucro de *Inã*.

Um grupo de guerreiros andava em busca de aventuras e divertimentos. E tiveram a “sorte” de encontrar o homem dormindo tranqüilamente, tendo a seu lado uma cordinha com lume.

— Quem será aquele sujeito?... Olhem, aquela brasa veio mesmo a calhar!... Vamos apanhá-la para começar uma fogueira, fazer uma pescaria e preparar o moqué?... — propuseram os mais ousados.

— É melhor agirmos com cautela para não acordá-lo. Deixem que vou apanhá-la!... — foi a proposta de um *Inã reri-tâmara* (aprendiz de feiticeiro). E, para demonstrar seus poderes e facilitar sua tarefa, transformou-se em *Kró-uété* (sapo de lagoa), indo, aos saltos, apanhar a

*heôtê-deoreru* (corda com fogo); e quase conseguiu seu intento, não fosse a algazarra dos companheiros, que “despertou” *Kananciué Inã*.

— Ah! Pelo que vejo, você gosta de ser *Kró-uété*?... Pois viverá como sapo!... E não deixou que voltasse ao normal. Não teria sido melhor pedirem-me o fogo?... — concluiu o *Ohoti-Bedu*.

No fundo, essa transformação veio mesmo a calhar, pois o *Kró-uété* passa a noite em vigília, cantando em dueto com sua companheira, para ninar os peixes.

| 1. <sup>a</sup> voz | 2. <sup>a</sup> voz |
|---------------------|---------------------|
| “ai ri uété         | um umm (bis)        |
| ari uété            | um umm (bis)        |
| uari, uari          | um umm              |
| kró uété uari       | um umm              |
| um umm              | um umm              |

Quando eles param de cantar, é sinal de que vem chegando alguém. Os peixes acordam e buscam proteção.

Os outros *Inã*, que o acompanharam na aventura, também receberam o seu castigo. Foram transformados em *Ar-hã* (sapo de árvore) e, para sua frustração, foram habitar os galhos ocos do *duehéó* (angelim), que crescem distante do rio de sua maior alegria: o Araguaia.

Nas noites de solidão, o *Ar-hã* canta para espantar sua tristeza e atrair a chuva. Quando ela vem, se infiltra no galho oco e sem vida, misturando-se à seiva que o sapo usa, em gargarejos, para limpar a voz e atrair a companheira. Assim, ele combina água, saliva e seiva — produzindo miríades de bolhas coloridas e perfumadas, que escorrem pelo seu corpo e acumulam-se à sua volta, formando seu leito nupcial, e que mais tarde se solidificam.

Sua cantiga atrai também os feiticeiros *Inã*, que ao visitá-lo, tomam lições de magia propiciatória para o amor, e não deixam de recolher, como brinde, a substância produzida pelo *Ar-hã*, denominada *cunauaru*, de grande poder medicinal e afrodisíaco.



A URÁ-URÁ E O UÓ-RÉ – A Garça e o Jaburu.

## A Urá-urá e o Uó-ré

*Kananciué Inā* seguia pela areia úmida que escondia os ruídos da caminhada. Observava, de perto, a fauna ribeirinha, ágil e astuciosa, exótica e graciosa.

— Mãe, socorro! . . . — gritava a pequena garça, tentando segurar um peixe grande demais para o seu delicado bico.

A *urá-urá nadi* (mamãe garça), graciosa em sua roupagem branca, divertia-se vendo os apuros da filha, para conseguir a sua primeira refeição, que terminou escapando.

— Mãe, você viu só como o agarrei? . . . — insistia ofegante e ingênua a *urá-urá ni* (filhote de garça) fitando, meiga, a cara da mãe.

— Sim, eu vi! Mas aquele grandalhão era comida demais para você . . . Devemos manter o corpo leve. Quem engorda muito não arranja casamento e é motivo de troça, como diz a canção:

“*Re iuê tilê  
hê herî rerî* (bis)  
*ri iuê tilê  
hê herî rerî* (bis)  
*hambu rodi lemâ  
hê herî rerî* (bis)

— Nossos alimentos precisam ser fresquinhos, saltitantes de vida, mais finos que a goela e menores que o papo . . . — concluiu a mamãe garça, com suavidade.

— Puxa vida, como isso é complicado! . . . Gostaria tanto de aprender a pescar . . . — pensou a jovem, desanimada.

A *urá-urá nadi*, achando que já era tempo, resolveu treiná-la, e saíram procurando um lago apropriado.

— Está vendo aquele enorme “pau”, viajando lentamente naquela lagoa? Pois cuidado com ele: é um terrível jacaré! . . .

— Veja! . . . Ali adiante temos um ótimo viveiro. Imediatamente sobrevoaram o local e pousaram, turvando a água. E assim, provocaram a explosiva e desordenada fuga dos peixinhos.

— Eles fugiram, mãe! Que faremos? . . .

— Não se preocupe, eles voltarão trazidos pela curiosidade, ou em busca de abrigo. Vamos tocaí-los por aqui . . .

E lá ficaram, ambas. O pescoço curvado como as voltas do Araguaia. As asas abertas como a copa das árvores. A vontade mais forte que as emoções. Esperando, esperando.

— Assim está bem? . . . — perguntou a iniciante, timidamente.

A bela instrutora sorriu, protetora, e indicou o cardume que se aproximava, revirando as águas em rápidos volteios, numa busca que acabou nas duas “acolhedoras” sombras.

— Mãe, já estão beliscando minhas pernas! . . .

— Então, vamos praticar. Cerque-os com as asas bem estendidas. Agora, basta tamborilar com as extremidades das asas na água, para assustá-los . . . Mergulhe o bico entreaberto e verá que o usam como gruta: feche-o rápido, e terá o seu almoço . . . Viu só como foi simples? . . . — comentou a *urá-urá nadi* disfarçando a sua excitação, pela experiência da filha.

Emocionado, *Kananciué Iná* assistira àquela singela demonstração de carinho, sabedoria e perseverança entre as aves. E confiava que os *Iná* tomariam esses exemplos, como lições da natureza.

Quando este *Ohoti-Bedu* (Poderoso Feiticeiro) pretendia retirar-se, chegou flutuando, mais leve que o ar, um bando de *uó-ré* (jaburus) trazendo feixes de cipó.

Postaram-se lado a lado, na orla da lagoa, e o *uó-ré heri tāmāra* (jaburu aprendiz de feiticeiro) comandou a dança:

- Afastem o pé direito para o lado, batendo-o forte no chão!
- Agora, o pé esquerdo . . .
- Repitam o primeiro e o segundo passo . . .
- Recomecem agora, no sentido oposto, isto é, com o pé esquerdo, depois o direito . . .
- Mais uma vez . . .
- Agora, para o lado direito . . .

No princípio, os movimentos eram inseguros. Mas, com os meios do corpo, foram acelerando a cadência e esquentando o ritmo, que inspirou a canção propiciatória, que estimula a coragem, previne acidentes e anula as forças do inimigo:

(canção) (percussão)

“Uako tikā hā rā — toc, toc  
uó ré, uó ré — toc, toc  
uako tikā hā rā — toc, toc  
uó ré, uó ré — toc, toc  
redibere bonā — toc, toc  
uó ré, uó ré — toc, toc

Para incrementar o ritmo e esmagar o *āside* (timbó), eles o malhavam com o bico, duas vezes, após cada verso. Assim que o cipó ficou envolvido pela própria seiva os jaburus se transferiram para o lago, onde mantiveram o ritual. Mas, substituíram as batidas pela imersão dos feixes, lavando-os e alastrando o suco tóxico na água, até que o *heri tāmāra* os fez parar.

Só restava ao aprendiz de feiticeiro aguardar os resultados das predições do *Kuni Tsuú* (Espírito do Sol): “. . . Enviarei calor para precipitar a fermentação da água e os peixes morrerão . . .”

Não demorou e surgiram os primeiros peixes, boiando, intoxicados pelas práticas mágicas e a ajuda do sol.

Gritos de alegria festejavam o sucesso da pescaria. E, em pouco tempo, a superfície da lagoa parecia uma esteira tramada de peixes, cujas escamas multicolores refletiam o brilho do sol.

Porém, antes de iniciarem a festiva refeição, o jaburu chefe recolheu um punhado dos melhores peixes, e ofertou:

— A ti, *Kuni Tsuú*! . . . que nos inspiraste no uso do timbó, ofertamos as primícias . . .

— Hamm! . . . (amém! assim seja!) — responderam os outros.

Só então o *heri tāmāra* autorizou o festim. No que foi saudado por delirantes gritos de alegria, enquanto os *uó-ré* atiravam-se à “mesa” . . .

Quando o *uó-ré* ensinou aos *Iná* o uso do *āside*, recomendou:

— Mulheres menstruadas, ou grávidas, não podem participar da pesca! Elas anulam o efeito do *timbó* . . .



BORO REÔTÊ – Arraia de Fogo

## Boro reôtê

*Kananciué Inã* seguia as pegadas de outras pessoas e avistou uma nuvem de pó a pouca distância e altura: era uma Boro (arraia) branca, desesperada, abanando as abas, rodopiando no ar e caindo.

— Que desgraça de vida levamos nos baixios! . . . Sem cauda para nos dirigir! . . . Sem armas para nos defender! . . . E a mercê dos *Inã!* . . . — lamentava-se a arraia.

Ela estava em péssimo estado: suja, contundida, transpirando gosma, e pipocada pelo sol.

— Que foi isso, companheira? . . . Passeando na areia quente, e tentando voar? . . . — perguntou *Kananciué Inã*.

— Passeando uma ova! . . . Fui lançada feito disco no meio da praia, por seus parentes *Inã* . . . Teria sido melhor me matarem! É o que você vai fazer? . . .

O *Ohoti Bedu* (Poderoso Feiticeiro), como resposta, apanhou-a e levou-a para o rio. Fez curativos que a deixaram toda pintada. Com um *aculeo* (espinho) de *heru* (tucum) preparou um *desa* (esporão) serrilhado, ao qual adicionou *rebuna ni* (veneno de fogo) e o prendeu, como rabo, na arraia.

A partir de então ela passou a se chamar *boro reôtê* (arraia de fogo), e costuma ficar em águas rasas, enterrada na areia, à espera de seus desafetos.

Assim, camouflada, os *Inã* distraídos pisam-na e recebem a mais terrível e violenta espetada que conhecem. A dor é tamanha que os mais valentes *bi-lukre* (urinam). E o que é pior, quase sempre ficam aleijados.

Na busca de antídoto, os pajés só conseguiram um remédio que alivia essa dor: é colocar o ferimento em contato com o *noroté-ná* (sexo feminino) . . .

Agora, os *Iná* só andam nos baixios, arrastando os pés, para espantar as *boro reôtê* que estiverem de tocaia.

## U-ó-rú e o Ku-ré

Deus havia represado o Araguaia, para diminuir e acalmar a violência das águas. Nos contrafortes das cachoeiras, formaram-se os ventres que geram os habitantes do grande rio. Nesses bolsões de águas frescas que remoçam os viajantes, vivem os poraquês, que são peixes românticos, dóceis e muito bonitos.

— Este lugar é agradável e a natureza vive em festa! . . . Com as melodias tocadas pelas “mãos” do rio, nas pedras; o *tsuú* trazendo o *ú-á-di* (arco-íris) na nuvem de vapores; as flores perfumando a selva e atirando-se à água, para alimentar com as suas pétalas, os peixes! . . . — assim pensava um arguto poraquê.

— Ei! . . . olhem só quem está ali! . . . — exclamou um *Iná*, indicando o grande peixe.

— Vamos apanhá-lo? . . .

— Oba! . . . lá vamos nós . . . — gritaram os outros.

A seguir, atiraram-se ao rio, e laçaram o poraquê, de lentos movimentos e dócil, para rebocá-lo nas águas profundas, em travessa brincadeira. Depois, inconseqüentes, o largaram, atado e encalhado nas pedras, e se foram . . .

— Que desgraça de gente ruim! . . . Me largarem assim . . .

— Olá, amigo poraquê! . . . Tomando o seu banhozinho de sol? . . . — perguntou *Kananciué Iná*.

— Ai, socorro! . . . Tire-me daqui seu irresponsável . . . Depois de quase me afogarem, contundirem meu corpo, e me deixarem morrendo de sede defronte à água, você ainda vem de brincadeira? . . . — falou o poraquê atormentado, pensando que todos os *Iná* fossem maus.

*Kananciué Inã* levou-o de volta ao Araguaia, e na cura, deu-lhe uma poderosa arma, denominada *ú-ó-rú* (choque). Agora, ele usa sua energia para derrubar frutos de árvores aquáticas. E, também, os *Inã*, que buscam naqueles bolsões nova vitalidade e diversão. *Kananciué* já estava aborrecido com seus parentes *Inã*, que só faziam travessuras e maltratavam a “gente” da fauna ribeirinha e, finalmente, os alcançou:

— Puxa vida! . . . que frutas saborosas! . . . — comentavam, no alto das árvores.

— Ei, pessoal! . . . Vem alguém acolá! . . . — falou um deles, apontando *Kananciué Inã*, que já estava à curta distância.

— Vamos esconder nossas frutas, senão, teremos de dividi-las . . .

— O que vocês estão comendo aí em cima? . . . — perguntou o forasteiro, fingindo não saber o que comiam, ou não querendo ser descortês.

— Nada, não . . . Eram apenas uns mosquitos, que já acabaram! . . . — responderam, empalidecendo pela mentira.

— Foram vocês que atiraram a *boró* (arraia) na praia, e deixaram o coitado do *ú-ó-rú* (porquê) morrendo de sede, na beira do rio? . . .

— Nós? . . . Nem sabemos de quem você está falando! . . . — responderam os *Inã* mentirosos, ruborizando-se por terem sido descobertas as suas estripulias.

— Bem, como vocês gostam de comer mosquitos, têm uma língua curta e mentirosa, e mudam constantemente de cores, vou ajudá-los! . . . — e transformou-os em *ku-ré* (camaleão).

Agora, eles possuem língua apropriada para comer insetos, e podem mudar de cor quando querem. Só não podem é fazer travessuras com os indefesos animais.

## 2.<sup>a</sup> Parte

# Lendas de Indianakatu



KOTU-BINÁ – Origem do Jabuti (Desenho de Felícitas Barreto)

## Kotu-biná

Antigamente, alguns animais preferiam comer frutas e, nesse caso, tinham suas próprias fruteiras. Mas, quando não estavam por perto, sempre aparecia um intruso para roubá-las.

Foi assim que certa ocasião os *korobi* (macacos) estavam fazendo a maior algazarra, comendo jatobá, que era a fruta exclusiva da *haloé* (onça), quando foram surpreendidos pela *kotuni* (tartaruga).

— Ei, vocês aí em cima! . . . Joguei frutos para mim, senão conto tudo à onça! . . . — ameaçou a tartaruga.

Os macacos ficaram assustados e, para contemporizar, não discutiram, atiraram-lhe alguns frutos. A tartaruga comeu e gostou:

— Estas frutas são deliciosas, joguem mais! . . .

Os macacos estavam com preguiça, pois os frutos davam muito trabalho: primeiro, tinham que torcê-lo para arrebentar o talo, depois batê-lo fortemente contra a madeira para quebrar a fava, e só então podiam saboreá-lo. E o pior é que, às vezes, machucavam os dedos na tarefa. Então propuseram:

— Suba também, venha comer conosco! . . .

— É impossível, não tenho mãos para agarrar-me aos galhos e subir! . . .

Os macacos, ardilosos e trapalhões, bolaram logo um plano:

— Vamos empurrar nossa fama de ladrões sobre a tartaruga? . . . — propôs um deles.

— Bem, neste caso, vamos ajudá-la a subir! . . . — sugeriu outro.

Então, apressaram-se em ajudar sua próxima vítima a subir na árvore; e depois, saltando rápido, foram avisar a onça. A *haloé* ficou furiosa, correu para baixo do jatobá e foi logo perguntando:

— Quem está aí em cima? . . .

— Sou eu, a tartaruga! . . . Fui colocada aqui pelos . . .

A sua explicação foi cortada pelos esturros da onça, que gritou impropérios e ordenou:

— Desça já daí! . . . E pôs-se a lanhar a árvore, amolando as unhas raivosamente.

— Não posso, não tenho mãos para segurar-me à árvore! . . . — respondeu a *kotuni*.

A onça, com os pensamentos embotados pela raiva, nem perguntou como ela havia chegado lá em cima, apenas urrava e exigia:

— Pule já daí, senão vou buscá-la e vai ser pior! . . .

A tartaruga estava numa situação difícil e, choramingando, argumentou:

— Tenho medo, posso me arrebentar no chão! . . .

Aquela resposta transbordou a raiva da *haloé*, e ela, ao invés de subir, balançou a árvore com tanta força que derrubou a grande e pesada *kotuni* bem na sua cabeça. E a onça morreu.

A tartaruga, apesar de ter a carapaça lisa e duríssima, ficou um tanto avariada. Mas, mesmo cambaleando, conseguiu chegar até o lago, e escondeu-se no meio das águas profundas.

Não demorou e as onças encontraram a companheira morta; choraram muito e a enterraram. Depois, pensando em vingança, seguiram as pegadas da tartaruga até o lago e puseram uma tocaia.

Quando as *kotuni* saíram dissimuladamente no meio da noite, para enterrarem os *kotuni-si* (ovos de tartaruga) na areia, para que o sol os chocasse no dia seguinte, eram cercadas e interrogadas, uma a uma:

— Foi você quem matou nossa companheira? . . .

— Não! . . . — respondia cada uma que era agarrada.

— Não, eu nem sei do que vocês estão falando! . . . — respondeu a culpada, disfarçando a voz, trêmula de medo.

— Foi você sim! . . . — exclamaram as onças, atirando-se sobre ela de unhas e dentes afiados, destroçando-a toda em pedacinhos. Depois, com a honra lavada, saíram ronronando satisfeitas.

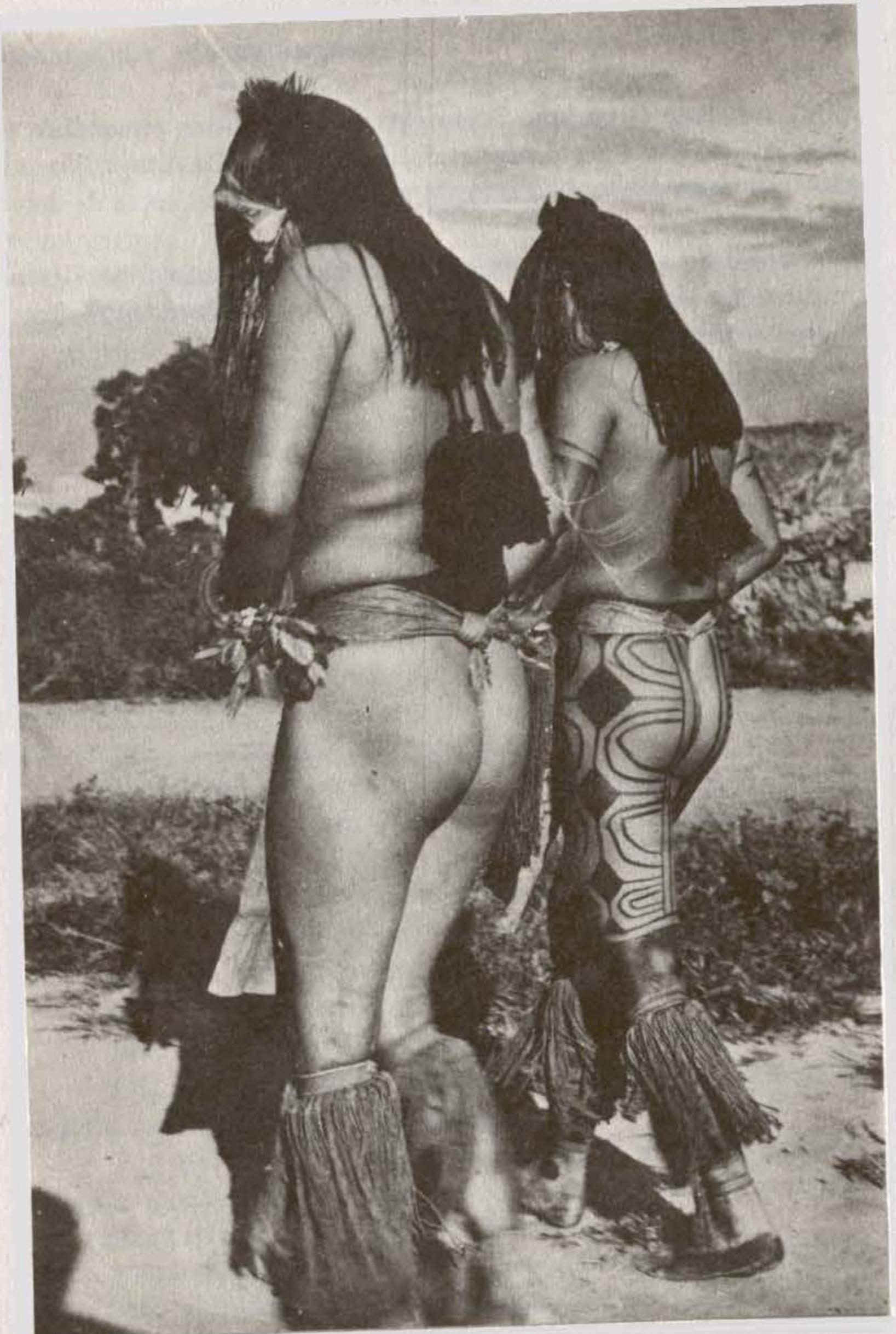
A grande tartaruga, com o casco todo quebrado e as carnes dilaceradas, ficou agonizando. Mas o pajé *Idianakatu* que estivera assistindo às maquinações dos macacos, e que sabia da inocência da vítima, falou:

— Pobre *kotuni*! . . . O que fizeram com você, só por causa de umas frutinhas sem importância . . . E foi reunindo os pedacinhos da

infeliz, colando-os rapidamente e de qualquer maneira, conseguindo salvá-la.

A tartaruga ficou boa. Porém, com o casco todo remendado e diferente, passou a ser denominada de *kotu-biná* (tartaruga feia ou jabuti), embora tenha ficado ainda mais bonita assim, cheia de desenhos coloridos.

Depois do acidente, a *kotu-biná* ficou com receio de vazar pelas emendas; por isso, passou a temer a água e a viver nas florestas, dissimulando sua presença no meio das folhas secas.



AS FILHAS DO SOL – Origem do Catamênia

## As Filhas do Sol

Há muito, muito tempo, na aldeia de *Idianakatu*, viviam duas irmãs. Eram suaves e meigas como a brisa, perfumadas como as flores se abrindo e radiantes como o alvorecer. Não havia, entre as mulheres, maior beleza.

Elas eram as filhas do Sol, poderoso feiticeiro, que exigia de seus futuros genros uma prova de coragem, inteligência e perseverança.

Alguns candidatos submeteram-se às provas. Mas desistiram ou morreram na tentativa. Outros, menos afoitos, preferiam reprimir a paixão e contentavam-se em vê-las, como um sonho impossível.

— *Diôira birenar diadomâ-rioré Tsuú?* . . . (Vamos casar com as filhas do Sol? . . .) — perguntou *Idianakatu* ao irmão *Alobederi*.

— Bem que eu gostaria. Mas, e as provas? . . . — respondeu o irmão, com uma frágil esperança.

— Não se preocupe, daremos um jeito. Vamos preparar alguns presentes para alegrar o velho. Assim, as coisas ficarão mais fáceis! . . . — sugeriu *Idianakatu*.

Desse modo, reuniram penas coloridas e teceram vários adornos, destacando os *lahetô*, odi-dessé e os *lóri-lóri* (tipos de cocares); *nohontê* (brincos); e as *uetanâ* (tangas) — as peças mais bonitas, alegres e desejadas pelos *Inâ*.

— Vimos trazer-lhe estes presentes e pedir suas filhas em casamento — falaram os irmãos.

O venerável e poderoso pai ficou radiante com os presentes e com o pedido. Porém, foi logo dizendo:

— Vocês foram muito amáveis. Gostaria de tê-los como genros! ... Todavia, terão que cumprir as provas exigidas pelas forças da natureza, para sabermos se os espíritos aprovam.

— Para começar, quero que vocês me tragam piranhas vivas. Tenho que preparar um remédio para as mulheres! ...

Os irmãos foram ao lago de pedra, onde os peixes eram de uma variedade incrível. Sentaram-se à sombra e ficaram observando o ambiente, em busca de inspiração.

A superfície do lago era tranquila, habitada por plantas e coberto por flocos de espuma que filtravam o sol, projetando estrelas luminosas no leito de areia branca.

Os peixes, em múltiplos cardumes, desfilavam à pouca profundidade, mantendo distâncias regulares, como se fossem guerreiros em marcha. Uma ou outra fêmea preparava o leito nupcial. Havia, também, filhotes sendo iniciados nos mistérios da vida.

Um cardume irrequieto surgiu, banzeirando a água e afugentando os outros. Eram as piranhas. Elas traziam no corpo a mancha vermelha da morte e na vontade uma fúria devoradora.

— Vamos flechar uma! ... — sugeriu *Alobederi*.

A flecha, mal atravessou uma piranha; as outras, devoraram-na imediatamente e comeram, também, as que estavam mais próximas da vítima.

Essa feroz agressividade provocou nos jovens um calafrio. E, para completar, olhando à sua volta, tiveram a impressão de que a fauna ribeirinha ria deles. Na realidade os dentes estavam à mostra, porque as piranhas lhes haviam devorado os beiços, quando tentavam beber.

*Idianakatu*, que era *Heri Tamará* (Aprendiz de Feiticeiro), consultou aos espíritos *Aruaná* (seus ancestrais peixes) e recebeu a inspiração, que poderia dar certo.

Chamou o irmão e foram colher leite de mangabeira. Depois, banharam-se com ele até formar uma protetora roupa de borracha. Assim vestidos, voltaram ao lago.

— Vamos entregar-nos às piranhas e rezar para que a experiência dê certo! ... — propôs *Idianakatu*, corajosamente.

Entraram no lago; os peixes fugiram e as vorazes piranhas atacaram furiosamente, crivando os jovens com mordidas implacáveis. Os irmãos viam e sentiam os dentes cravarem-se na pele de borracha e esta, flexível, impedir que novamente a mandíbula se abrisse. As piranhas ficaram prisioneiras.

Os guerreiros riam-se nervosamente, misturando a satisfação de tê-las impotentes e a sensação desagradável de estarem sendo devorados.

Com as piranhas debatendo-se penduradas pelo corpo, chegaram os jovens à presença do futuro sogro.

— Ora vejam só que estranha maneira de pescar! ... — falou admirado o pajé, enquanto retirava os peixes vivos.

— Vocês se saíram muito bem; agora, precisam ir buscar *ovodi* (resina de almíscar) e *āui-kutá bi-di* (mel de tataira), para que eu prepare a *aruaná* (festa) de casamento.

Todos sabiam que aquela seiva queima como fogo e pode provocar feias erupções na pele. Também a picada da abelha tataira é dolorosa e venenosa, embora ela fabrique o melhor dos néctares.

— Até parece que o Sol quer acabar com a nossa boa aparência, ou nos matar! ... — comentou *Alobederi*, preocupado.

Chegando próximo ao *Berohoká* (rio Araguaia) os irmãos encontraram a almiscareira, na qual havia uma colmeia das grandes. Puseram-se a observá-la e a imaginar uma forma de executarem a tarefa.

A resina alastrara-se pelo chão, em volta da árvore, queimando a vegetação e pondo em risco qualquer aproximação. As abelhas estavam perigosamente irritadas e esvoaçantes. Os jovens, cautelosos.

Nisso, surgiu um bando de andorinhas que, em pleno vôo, apanhava as abelhas, levava-as para o rio, e em rápidos mergulhos molhava-as, antes de comê-las. *Idianakatu* aprendeu a lição e pediu ajuda a estes pássaros.

As andorinhas bebiam água no *Berohoká* e faziam chuviscar sobre os audazes guerreiros, mantendo-os sob a proteção da água que diluía a ação do almíscar e abrandava as abelhas, tornando-as inofensivas.

E assim, os *Iná* aprenderam a colher o almíscar e o mel, sem se machucarem. E as andorinhas, em revoada, brincam de chuviscar, ao pôr-do-sol.

Na aldeia, o velho feiticeiro não se cansava de examinar os moços e escutar a estória de como foram espertos.

— Preciso de *coti* (fumo) para propiciar a festa de casamento; vão apanhá-lo na minha roça! ...

Todos sabiam que o fumo usado pelo Sol possuía poderes mágicos. Quem se aventurasse a colhê-lo tornar-se-ia seu prisioneiro e morreria de inanição ou devorado por alguma fera ...

Os irmãos caminhavam numa trilha, dentro do roçado, quando ouviram gemidos e vozes estranhas, saídas das plantas.

- Esse ambiente me dá calafrios! . . . — falou *Alobederi*
- Relaxe, meu irmão! . . . Essas são as vozes das coisas. Deve existir um meio de apanharmos as folhas. Consultarei os espíritos . . .
- falou *Idianakatu*, confiante nos seus poderes de aprendiz de feiticeiro.

De repente, *Alobederi* esbarrou num ramo e foi envolvido. À medida que lutava bravamente para se libertar, ia ficando mais prisioneiro.

*Idianakatu* tentou libertá-lo, mas descuidou-se, e ficou igualmente preso. Invocou as forças ocultas, porém sua magia foi inútil. Por fim perdeu toda a resistência, e passivamente via animais monstruosos se aproximarem para devorá-los. Desmaiou.

As moças, prevendo as dificuldades dos rapazes, seguiram suas pegadas e encontraram-nos desfalecidos. Com jeitinho e antídotos libertaram-nos das plantas — do efeito alucinógeno provocado pelas ervas — e colheram o fumo.

O *Ohoti Bedu* ficou zangado com a intromissão das filhas. Mas permitiu o casamento, uma vez que considerava cumpridas, satisatoriamente, as exigências das entidades espirituais.

Com o corpo pintado, coberto de almíscar diluído fixando penas coloridas, os dançarinos deram início à comemoração. O mel de abelha adoçava os licores que alimentavam a alegria. Os maracás marcavam o ritmo que incrementava a dança.

No meio da festa, discretamente, os noivos escaparam, recolhendo-se à esteira nupcial. E, quando no delírio da paixão, pretendiam atingir o clímax, possuindo as noivas, elas revelaram a última armadilha do pai:

- *Ankōre xuk-xuk, uahá bedeonkre diutá tuú!* . . . (não podemos ter relações sexuais; papai colocou piranhas em nossa vagina! . . .).

Os irmãos ficaram decepcionados. Mas *Idianakatu* resolveu tirar a limpo essa estória e gritou para os macacos-prego:

- *Ei, korobi manakre diodomā-rioré Tsuú xuk-xuk!* . . . (Ei, macacos, venham provar a virgindade das filhas do Sol! . . .).

Os macacos, nem conversaram. Foram logo deitando-se com as virgens. Porém, no mesmo instante, pularam fora gritando de dor. Os pênis estavam em carne viva e o prepúcio havia sido devorado pelas piranhas. É por isso que os macacos têm o pênis vermelho e sem capa.

*Idianakatu* sabia que o jaburu guardava, em segredo, o uso de um cipó que matava peixes; por isso pediu:

- *Uó-ré namare ãnside!* . . . (Jaburu, traga o timbó! . . .).

O aprendiz de feiticeiro introduziu o ramo de timbó na vagina das moças e as piranhas foram morrendo e sendo retiradas. Porém, uma menorzinha ficou escondida, e todos os meses ela fica ouriçada e morde as entradas das mulheres, provocando sangramento e dores.

Morta as piranhas, os guerreiros possuíram com muito entusiasmo as esposas. Mas quando chegam “aqueles dias” eles não se deitam com elas, e dizem:

- *Diutá teburé-titire!* . . . (a piranha está zangadíssima!).

# O Doré, o Korobi e o Ohā

Desde que *Kananciué-Inã* (Deus Homem) iniciara sua viagem pelo mundo, reconhecendo sua obra, o pajé *Idianakatu* com sua inseparável arara canindé e o irmão *Alobederi* permaneceram na aldeia, em companhia de suas esposas, as filhas do Sol.

Naquela época todos pensavam que os desejos de *Idianakatu* eram realizados por essa linda e misteriosa arara vermelha. E nesse caso, quem a possuísse seria o mais poderoso guerreiro da aldeia.

Era justamente sobre isso que conversavam uns *Inã*, à sombra repondoante de um frondoso pequizeiro:

— *Diôira korobi* andedura *Idianakatu*? . . . (Vamos roubar a arara de *Idianakatu*? . . .) — propôs um deles.

— Puxa-vida, seria uma boa aventura! . . . — aplaudiram os outros.

— E se é verdade que seus poderes vêm da ave, sem ela ele não se atreverá a nos perseguir e castigar — atalhou o primeiro.

— Acho que tenho um plano . . . irei ao pajé com uma estória que o fará sair de casa sem a sua arara! . . . — propôs um outro.

Para melhorar os seus argumentos esse voluntário comeu bastante pequi, que é gorduroso como as tartarugas, e bebeu muita água, até ficar barrigudo. E, depois, foi gemendo procurar o pajé:

— Ai, acho que vou estourar! . . . Por favor, arranje-me um remédio . . . E continuou fingindo: — Encontramos uma lagoa cheinha de tartarugas e comemos demais . . . não fosse um bando de araras barulhentas, teríamos trazido algumas para a aldeia . . .

Ele sabia que o pajé não resistiria a essa informação.

*Idianakatu* chamou o irmão e saíram em direção à tal lagoa, imaginando as muitas formas de preparar uma tartarugada. A arara ficou, para não atrapalhar a pescaria.

Os irrequietos aventureiros dividiram-se em grupos: enquanto uns distraíam a esposa do pajé, outros furtavam-lhe a arara.

*Idianakatu* encontrou a lagoa, mas não havia ali uma única tartaruga. Isso o deixou desconfiado. Porém não atinava com o motivo daquela estória. Até que ouviu, do fundo da floresta, vozes e zombárias:

— Fizeram-no de bobo e ainda roubaram-lhe a arara! . . .

Só então percebeu a trama dos companheiros, que estavam sempre pondo à prova a sua eficiência de *Ohoti Bedu* (Poderoso Feiticeiro). Ficou triste e muito zangado.

Os dois já estavam de volta, e lamentavam-se da inútil caminhada, quando foram atacados pelos belicosos parentes aventureiros e invejosos que, dessa forma, tiravam a limpo os seus poderes.

*Idianakatu* demonstrou a sua força mágica, transformando o guerreiro mentiroso em *doré* (papagaio). É por isso que essa ave fala como gente e mora no pequizeiro, onde tramaram a aventura. Os *Inã* que lhes roubaram a arara transformaram-se em *korobi* (macacos), que parecem gente e são buliosos e ladrões.

Ameaçados pelos outros guerreiros envolvidos na briga, e para evitar punições desnecessárias, o pajé e o irmão transformaram-se em *ohā* (tatus) e enfiaram-se chão a dentro, atirando terra sobre os agressores.



O BUDOLOKÉ E O WATI – O Pirarucu e o Veado

## O Budoloké e o Wati

*Idianakatu* e *Alobederi* transformados em *ohá* (tatus), para escaparem à perseguição dos *Inã* rebelados, enfiaram-se chão a dentro, dando origem às cavernas.

Ocorreu, entretanto, que uma corrente d'água invadiu o buraco transformando-o num imenso lago. E por serem os tatus maus nadadores, o poderoso pajé *Idianakatu* transformou-se, e ao irmão, em *budoloké* (pirarucu).

Eles gostaram de ser peixe grande e misturaram-se com os outros, principalmente os *aruana* (peixes menores) que deram origem aos *Inã* (homens verdadeiros), no começo do mundo.

Quando o sol ficava quente os pirarucus gostavam de sentir o seu calor, expondo o dorso fora d'água, e ficavam cochilando. Quando não agüentavam mais, mergulhavam em busca de ambiente mais fresco. Às vezes, batiam com o rabo na superfície para espantar o silêncio e fazer banzeiro.

Os dias transcorriam sem nenhuma pressa. O sol e o vento “enxugavam” o lago, diminuindo seu volume. E ele foi secando, secando, até ficar bem raso.

Por fim chegaram os *uó-ré* (jaburus), com dissimuladas intenções, vestindo penas brancas, um papo avermelhado e um negro e monstroso bico transportando ramalhetes, como se fossem enfeitar e sombrear o lago.

Pousaram nos baixios e, depois, enfileirados, deram início a um estranho ritual no qual cantavam, dançavam e marcavam a cadência com as batidas do bico esmagando o *ãnside* (timbó), que depois era lavado.

Aos poucos a água foi perdendo o frescor natural, tornando-se asfixiante. Os peixes, que se divertiam inocentemente com a dança, em pouco tempo estavam se debatendo à superfície, escancarando a boca em busca de ar.

O lago estava saturado pelos efeitos do timbó; e não havendo mais água fresca, os peixes foram entregando-se inertes aos poderosos jaburus.

Os dois irmãos, com a forma de *budoloké*, estavam também sendo devorados e, num esforço extremo, *Idianakatu* conseguiu transformar-se, e ao irmão, em *Inā*. Os jaburus fugiram, assustados, enquanto os guerreiros colocavam-se ao largo.

*Idianakatu* e *Alobederi* já estavam exaustos de nadar, quando encontraram uma *bejue* (saracura) viajando em sua ubá. Então, pediram:

— Ei, comadre saracura, você que tem uma linda *hauó* (ubá) leva-nos para a margem? . . .

A saracura não só transportou-os como ensinou-lhes a remar e a construir a canoa.

Os irmãos chegaram à região de um vale com densa vegetação. Porém, ambos estavam zangados com tudo o que acontecera. *Alobederi*, para descarregar sua ira, atirou flechas nas árvores, mas errou. *Idianakatu* atirou as suas e matou as árvores, dando origem aos campos.

*Idianakatu* precisava de fogo e pediu a *hemalálá* (cobra) que o fosse apanhar na aldeia. Ela voltou — com a brasa sobre a cabeça — e vinha atravessando o lago. Porém uma *kuni-biná* (alma danada) banzeirou a água e uma onda apagou a brasa.

O pajé pediu ao *haresá-réri* (urubu-rei) que lhe arranjasse outra brasa. Essa ave, que também era dona do fogo, depositou-a na praia. Quando *Idianakatu* foi apanhar lenha veio um *kró-uété* (sapo de lagoa) e cuspiu água na brasa, apagando-a.

Não havia como preparar os alimentos; e a fome estava insuporável. Para onde quer que olhassem só existia aquele imenso campo verdejante, misturando-se ao infinito céu azul. Foi então que *Idianakatu* teve a inspiração de transformar-se, e ao irmão, em *wati* (veado do campo). E é por serem parentes desses animais, que os *Inā* não os comem. “Bem, quer dizer . . .” — a não ser que os índios velhos ou o pajé indiquem os veados que não são da família . . .

### 3.<sup>a</sup> Parte

## Outras Lendas



O SEGREDO DAS MÁSCARAS – (Diassó)

## O Segredo das Máscaras

A aldeia estava em festa, e o ponto alto foi quando o pai chegou defronte aos mascarados, no terreiro de recreação, e depositou no chão o filho de 11 anos, que trazia sobre os ombros. Naquele instante ele estava transferindo ao "Estado" a responsabilidade de criar e educar o jovem na *Aruanã Hetô* (Casa das Máscaras; escola-internato para rapazes).

O rapazinho estava preocupado e até um pouco assustado com a transferência de residência e tutela, pois perderia o carinho maternal e assumiria encargos que lhe pareciam estranhos.

A mãe havia participado da entrega e parecia conformada com a separação prolongada de seu "bebê". Mas, no fundo, seu coração estava cheio de apreensões. Por isso, correu de volta à choça e desabafou em lágrimas:

— Por que internar os meninos na *Aruanã Hetô*? ... E por que só o pai pode ir ver o filho naquela casa de fantasmas? ... Isso não pode ficar assim, tem que haver um jeito! ...

Certamente que as mulheres já discutiam, às escondidas, a validade desse rígido preconceito. E algumas haviam tentado descobrir o Segredo das Máscaras Sagradas. Mas, surpreendidas espreitando a *Aruanã Hetô*, foram agarradas, possuídas e flageladas por todos os guerreiros.

Um dia, a jovem mãe não suportou mais a separação e, esgueirando-se entre as bananeiras, aproximou-se o mais que pode da escola, na ocasião em que todos tiravam um cochilo, e, em sussurros, chamou:

— *Andciuála, ciuála!* . . . estou doente de saudade . . . venha filhinho, ninguém nos verá . . . Olhe, trouxe-lhe *kalugi*! . . . (mingau). E continuou chamando, chamando . . .

O rapazinho escutou, e com o coração em sobressalto observou os companheiros e o velho guardião; todos dormiam. Ele, num impulso momentâneo, deslizou por entre as palhas da parede e rastejou até o esconderijo da mãe.

Atiraram-se nos braços um do outro, trêmulos pela emoção do encontro e pelo íntimo temor ao castigo que viria se fossem apinhados ali.

Ela afagava-lhe os cabelos e cobria-o de beijos. Ele, em pouco tempo, sentiu-se protegido e em segurança, passando a saborear o delicioso *kalugi*.

— Que absurdo! . . . retirarem as crianças de casa quando mais deveríamos estar juntos, para jogá-las numa escola sem calor materno e cheia de fantasmas! . . . — resmungava a mãe, pensando nas outras que sofriam as mesmas privações.

— Uma coisa não entendo: se *Kananciué* (Deus) nos deu a liberdade de escolha, por que os homens inventaram essas máscaras fantásticas e nos separam de nossos filhos? . . .

A cada resmungo da mãe o rapazinho tinha um frêmito de medo, lembrando-se do perigo. E se aconchegava mais ao colo materno.

O pior é que a sofrerida dos carinhos despertou ainda mais o egoísmo e a curiosidade materna. E ela foi tomada por um súbito desejo de avaliar as razões e as vantagens da iniciação escolar do filho.

— Que mistérios e segredos escondem as máscaras? . . . O que fazem os *hambu* (homens), os *ueriribó* (rapazes), e os *diuré* (iniciantes), reunidos dia e noite naqueles ermos? . . . — perguntou carinhosamente ao filho.

*Andciuála* já estava sendo preparado pela sabedoria do pajé e, sobressaltado com a pergunta, quis fugir. Mas estava ternamente envolvido nos braços da meiga e suplicante mãe e não teve coragem de abandoná-la.

A mulher acariciava o filho, extravasando a saudade acumulada no peito por tanto tempo, como se ele ainda fosse a criancinha mimada por toda a família.

— Sabe, temos feito passeios naqueles recantos mais bonitos e maravilhosos em que íamos juntos — colhendo frutas, mel de abelha e dormindo nas praias! . . . É pena que você tenha de ficar isolado, por capricho dos homens! . . . — concluiu ardilosamente.

*Andciuála* estava confuso e inseguro. Ainda era um *diuré* na escola tribal: lembrava-se dos conselhos do velho mestre. Mas não estaria o pajé caduco ou, quem sabe, perdido no mundo dos espíritos? . . . — começava a pensar o jovem.

— Filho, as estórias que aprendes são pura fantasia! . . . Aquelas roupas de palha não têm nenhum poder e os espíritos são coisas do pajé! . . . Tudo isso foi criado pelos homens para subjugar as mulheres! . . . Ou há realmente um segredo? . . .

— *Bohéto, nadir!* . . . *bohéto* . . . (Não sei, mamãe! . . . Não sei . . .).

— Estás vendo; se houvesse realmente um segredo, tu não o esconderias da mamãe, não é? . . . — assim, a ardilosa e afetuosa mãe pressionava mais e mais o garoto.

O *diuré* não resistiu e, cabisbaixo, para dissimular a timidez e o medo, começou a sua revelação:

— *Kuni diôira Iná éték diassól!* . . . (As almas chegam nas pessoas que vestem as máscaras! . . . E falam sobre . . .)

Sua narração foi interrompida. Da *Aruaná Hetô* partiram uns gritos alucinantes e surgiu o então tranquilo guardião, dando saltos fantásticos e golpeando o ar com seu *maurehê* (facão espiritual), lutando contra atacantes invisíveis.

A aldeia toda despertou e a custo conseguiram entender — entre os impropérios do pajé — o que havia acontecido.

O segredo das máscaras sagradas tinha sido violado! . . . As almas, que formam as forças da natureza, estavam rebeladas e pediam a destruição da aldeia.

O *diuré* delator enfiara-se em um buraco e cobriu-o com uma velha panela. A mãe, correu para a sua choça e misturou-se com as outras mulheres, para não ser descoberta.

De repente, o velho substituiu a *maurehê* pela *obi* (varinha mágica), prostou-se em profunda meditação e, em seguida, passou a vibrar a varinha mágica e a entoar uma suave canção:

“Manxibu-ré manxibu-re  
xibure-hê, xibure-hê ammm! . . .  
Budu-bréké, budu-brekê, he-hâ! . . .  
Budu-brékê, he-hâmmm! . . .  
Budu-bréké, budu-brekê, he-hâ! . . .  
Budu-brékê, he-hâmmm! . . .  
Hê! hêêê! . . . hê-hâmmm! . . .”

— Foram as mulheres que obrigaram os filhos a revelarem os segredos da *Aruanā Hetô*! . . . — gritou alguém.

— Sim, só elas fariam isto! . . . — confirmaram algumas vozes.

— Vamos castigá-las! . . . — exclamaram os mais furiosos.

A seguir, a aldeia transformou-se num pandemônio: as mulheres eram agarradas, possuídas por todos e sacrificadas. Os maridos, revoltados e vingativos, distribuíam cacetas a esmo. Todos agiam como impelidos por misteriosas forças do mal.

Só o pajé permanecia alheio à confusão, tentando aplacar a ira das *kuni* (almas) com sua frágil *obi*. Nisso, uma nuvem poeirenta formou um funil, arrastando as Máscaras Sagradas, que envolveram o pajé e sumiram no espaço.

O céu, que antes estivera em completo abandono, cobriu-se de nuvens negras e fortes como pedras, que movimentavam-se vertiginosamente e chocavam-se, provocando estrondos e lançando lascas incandescentes que incendiavam as choças, as florestas, e abriam gigantescas crateras que engoliam as pessoas em fuga.

Por fim, o céu desabou em tempestade furiosa e lavou a terra, inundando as feridas abertas no solo, apagando a fornalha e quase todos os vestígios dos *Iná-Son-Wéra* na terra. Foi o fim do mundo, só restando escombros e cinzas da aldeia.

## O Diuré e os Biri

O sol pálido e triste iluminava os vestígios que restavam dos *Iná-Son-Wéra* sob os escombros: eram cacos de cerâmica, um pequizeiro e a *Aruanā Hetô*, inteira, vazia e silenciosa.

Um leve ruído foi provocado pelo arrastar de um objeto no chão, deixando à mostra um buraco. Dentro, olhos assustados espreitavam o ambiente desolador, depois de assistirem à destruição da aldeia.

Finalmente surgiu, aterrorizado, o *diuré-biná* (o iniciante delator) que havia atraído a ira das forças da natureza, revelando à mãe os segredos das Máscaras Sagradas.

Sua mente estava muito confusa, e a barriga doía de tanta fome. Por isso, saiu pelas ruínas procurando alguma coisa, sem saber o que, até dar-se conta da situação:

— Ah! como seria bom encontrar comida e algum sobrevivente! . . .

Não encontrou coisa alguma — estava só e mergulhado no remorso; chorou — amargurado —, flagelou-se com o escarificador (dentes de piranha encrustados num caco de cuia), e desabafou numa prece muda às contrariadas forças da natureza.

Ficou mais calmo; sentia a cabeça quase vazia das lembranças ruins, e o corpo parecia mais leve quando deitou-se à sombra do pequizeiro — e dormiu. Quanto tempo esteve assim, não soube. Mas acordou pensando ter ouvido vozes.

De olhos cerrados, aguçou os ouvidos para ter certeza de que não estava sonhando; parecia escutar alguém conversando na *hetô* (choça) abandonada. Sua felicidade foi imensa. Afinal, não estava só!



O DIURÉ E OS BIRI – O jovem e os “periquitos”

— Quem está aí? . . . — perguntou, levantando-se trêmulo de fraqueza, arrastando-se até a choça.

Lá não havia ninguém, a não ser dois *biri* (periquitos) que, espantados, voaram para os galhos do pequizeiro e aninharam-se no oco da árvore.

— Foi uma ilusão! . . . — pensou desanimado e quase desabando de cansaço.

Porém, sentiu o cheiro de comida e olhando melhor viu as panelas cheias. Trôpego, foi cair ao lado dos alimentos. Serviu-se com sofreguidão, sem se dar ao trabalho de pensar sobre o assunto. Deitou-se ali mesmo e desmaiou.

Quando voltou a si, estava melhor. Comeu mais um pouco, enquanto lá fora os periquitos soltavam seus gritinhos, tão familiares, como prenúncio de uma nova esperança. Só então percebeu que a choça estava varrida e que havia uma esteira confortável para deitar-se. Adormeceu, pensando no mistério dos alimentos.

Quando novamente levantou-se, estava bem disposto. Procurou indícios de presença humana, mas não os encontrou. As panelas estavam vazias, por isso resolveu ir pescar.

O céu estava azul e as nuvens lembravam flocos de algodão. A *ubá* deslizava suavemente no espelho tranquilo e eterno do *Berohokã* (rio Araguaia), repleto de praias, enquanto o ar, cheio de pureza, renovava as esperanças do jovem.

Desde pequenino aprendera a remar e a flechar, mas não estava conseguindo acertar os peixes. Cansado, voltou ao acampamento. Quando estava perto escutou rumores na choça. Correu e lá estavam as panelas cheias, o chão limpo e a esteira arrumada. No terreiro, os dois periquitos voaram, cantarolando.

— Tenho que desvendar esse mistério! . . . — pensava ele, enquanto comia.

Acabou vencido pelo sono e deixou a investigação para depois. Algo de extraordinário lhe estava acontecendo intimamente. Era aquela paz interior e uma enorme vontade de viver, embora sentisse um pouco de solidão.

Um dia, saiu para pescar. Mas, desta vez, encostou a canoa na curva do rio e voltou por terra, escondendo-se próximo à choça — e esperou. Não demorou e os *biri* espreitaram dos ramos, saltaram no terreiro e penetraram na choça.

Escutou o fogo sendo atiçado, as coisas sendo arrumadas e uma conversa quase em sussurros. Teve ímpeto de entrar, mas aguardou, pensando:

— Essas pessoas já me escaparam; agora chegou a minha vez de surpreendê-las! . . .

Daí a pouco ouviu que cantavam e, portanto, deveriam estar bem distraídas; por isso, enfiou a cabeça através das paredes de palha e gritou:

— Ah! . . . Peguei! . . .

— Oh! . . . Oh! . . . — exclamaram também as duas *diadomā* (moças), apanhadas de surpresa.

O espanto do jovem foi ainda maior por estar, de repente, diante de duas lindas garotas, que eram as suas benfeitoras. A seguir, juntos, deram boas risadas.

— Fomos transformadas em *diadomā-biri* (moças periquitos) e colocadas no oco do pequizeiro pelo pajé, quando começou o fim do mundo. Depois, você apareceu tão maltratado que resolvemos ajudá-lo, enquanto também nos divertíamos um pouco.

— Eu já pensava que nunca iria desvendar esse mistério! . . . — falou o rapaz.

— Bem, continuaremos a cuidar de você, mas terá que ser marido de nós duas! . . .

E assim, teve início uma nova geração de *Inā* (gente). Mas como as mulheres tinham poderes mágicos, foram se impondo de tal forma que os homens não tinham autoridade e viviam quase subjugados.

## Tainahakā

Na praia, a madrugada tangia um friozinho de arrepia os pêlos e espantar o sono. Por isso, *Beluá* levantou-se, soprou as cinzas e libertou as chamas da fogueira sonolenta. Depois, sentou-se sobre a esteira e pôs-se a cismar:

— Sou a moça mais cortejada da aldeia, e deveria estar feliz! . . . Mas não estou. Gostaria de encontrar alguém diferente! Bem diferente! . . .

Naquele instante, um raio de luz iluminou seu corpo nu e bronzeado, atraindo-lhe a atenção. Ela olhou para o céu e avistou *Tainahakā* (a Estrela d'Alva) que parecia divertir-se, empurrando a escuridão para espiar o acampamento dos *Inā*.

*Beluá*, fascinada com tamanho esplendor, deixou-se invadir por uma irresistível paixão. Em sua imaginação, via o astro como se fosse um poderoso e belo guerreiro que perambulava pela madrugada, em busca de amor e aventura. Naquele instante, ela passou a cortejá-lo:

— *Tainahakā, diarā otot-ke hā ārolákre kai!* . . . (Estrela d'Alva, estou com a cabeça quente, pensando em você) *Manakre uoni teki ueriribó rioré-se!* . . . (Venha num corpo de belo guerreiro, esposar-me).

Não demorou e seu estranho comportamento passou a ser assunto de mexericos:

— Ora, essa é muito boa! . . . Onde já se viu tamanha pretensão? . . . Uma simples *diadomā* (moça) querendo casar com uma estrela! . . . Só mesmo estando maluca . . . — comentavam.

Dali em diante, a moça passava os dias triste. Não se interessava pelos rapazes, pelas festas, e nem pelos conselhos que lhe dava o cacique, seu pai. E afirmava com convicção inabalável:



TAINAHAKĀ – O casamento da Estrela  
(Desenho de Felícitas Barreto)

— *Tainahakā* também me ama e conversa comigo todas as madrugadas! ... Até já prometeu que em breve virá buscar-me! ... Todos vocês estão é com inveja! ...

Os dias foram passando, passando. Então, o cacique chamou o pajé e disse:

— Trate a cabeça de minha filha, pois se ela ficar maluca você será o único culpado! ...

O pajé acreditava na estória da moça, já que outras mulheres haviam revelado poderes mágicos. E se ele próprio conversava com as *unam teki kati* (almas sem roupa, sem corpo), por que outros não poderiam? ... Mesmo assim, ele apanhou sua *óbi* (varinha mágica) e procurou ajudar, fazendo *Beluá* dormir um longo sono.

Certa madrugada, com espanto, todos viram *Tainahakā* aproximar-se da aldeia, e ficaram em pânico, pensando no pior. Mas, à pouca distância, a estrela parou e transformou-se em um *Inã*. *Beluá*, que já o esperava, correu ao seu encontro no maior alvoroço e gritando:

— Ele é meu! ... É meu! Veio casar comigo! ...

Os *Inã* recuperaram-se do susto e passaram a saudar o Astro. Algumas jovens, naquele momento, sentiram inveja da moça. O guerreiro do céu foi chegando e pousou na praia. Quando *Beluá* já se atirava em seus braços, percebeu que *Tainahakā* era um velhinho bem enrugado. Então, parou, deu meia volta e, cobrindo o rosto com os cabelos para disfarçar a vergonha, afastou-se dizendo:

— Não, não quero casar-me com nenhum velho! ...

Sua atitude indelicada chocou os parentes. Mas, *Kuanadiki*, sua irmã, apressou-se em corrigir o erro e deu as boas vindas ao agradável velhinho. Sorriu, pegou em sua mão e levou-o para a tranquilidade da choça, fazendo-lhe as honras de costume.

Passado aquele instante de curiosidade, a aldeia voltou à sua habitual normalidade. *Tainahakā*, apesar de ser velho, era muito saudável, e todas as madrugadas saía para a floresta, de onde só voltava à tarde, sujo de terra e de mãos vazias.

Depois que ele tomava seu banho, *Kuanadiki* penteava-lhe os cabelos e servia-lhe uma refeição. Ao pôr do sol, *Tainahakā* costumava reunir o pessoal, para contar estórias e lhes ensinar coisas interessantes:

— Vocês precisam usar pintura e adornos corporais, que identifiquem a família, a idade das pessoas e sua condição de solteiro ou casado. Também é necessário dividir as atividades entre o homem e a

mulher. E construir uma choça para iniciar os rapazinhos nas artes e na cultura.

Certa ocasião formou-se um grande temporal, e era na floresta que ele causava os maiores danos. *Kuanadiki* estava muito preocupada com seu amigo, e resolveu desobedecer suas ordens para que não o seguissem. Percorreu a sua trilha, chegando a uma enorme clareira. Ali, solitário, trabalhava um guerreiro que nunca havia visto antes.

— Como é estranho aquele *Inā*: tem corpo esbelto, é alto, forte e tem a cor bem mais clara que os nossos! O que estará ele fazendo aqui? . . . — pensou.

Naquele instante, atraído por forças mágicas, o guerreiro olhou para trás e também a viu. Por um momento, ambos estiveram admirando-se indecisos. Mas ele, com suaves gestos e sorriso meigo, aproximou-se e falou:

— Você não deveria ter vindo! . . . Merecia um castigo . . .  
— Era o temporal, fiquei com receio e vim procurar o meu amigo, um velhinho . . . Você o viu? . . .

*Tainahakā*, com a nova forma de jovem, deu boas gargalhadas e disse:

— Agora, que você me viu como realmente sou, não há mais razão para esconder a minha identidade num corpo velho e cansado, que serviu para por à prova o amor de *Beluá*.

Juntos e de mãos dadas, percorreram a primeira lavoura destinada aos *Inā*. *Tainahakā* ensinou-lhe os segredos da agricultura. Depois, falaram em coisas de amor, e voltaram à aldeia.

A tempestade se dissipou e deu passagem ao sol. Este, refletido em cores rubras no espelho do *Berohokā* (Araguaia, água grande), enchia a natureza de encantamento.

A aldeia agitou-se com a presença do estranho noivo de *Kuanadiki*. *Beluá*, arrependida, tentou retomar o seu prometido, mas foi rejeitada. Muito zangada e frustrada, transformou-se em coruja, e passa as noites namorando as estrelas, à espera de que uma delas venha buscá-la.

Os noivos passavam a maior parte do tempo recolhidos à sua choça, onde os parentes levavam alimentos e os colocavam à entrada, para não perturbar a lua de mel.

Um dia, como os alimentos continuaram do lado de fora da choça, surgiu uma natural curiosidade:

— O que estará ocorrendo com o casal? . . . Estarão doentes? . . . Terão viajado? . . . — eram as indagações.

A mãe da moça várias vezes foi espreitar através das paredes de palha, mas parecia que tudo estava bem. No terceiro dia, ela não se contentou e entrou na choça. Levantou a esteira que cobria o casal e:

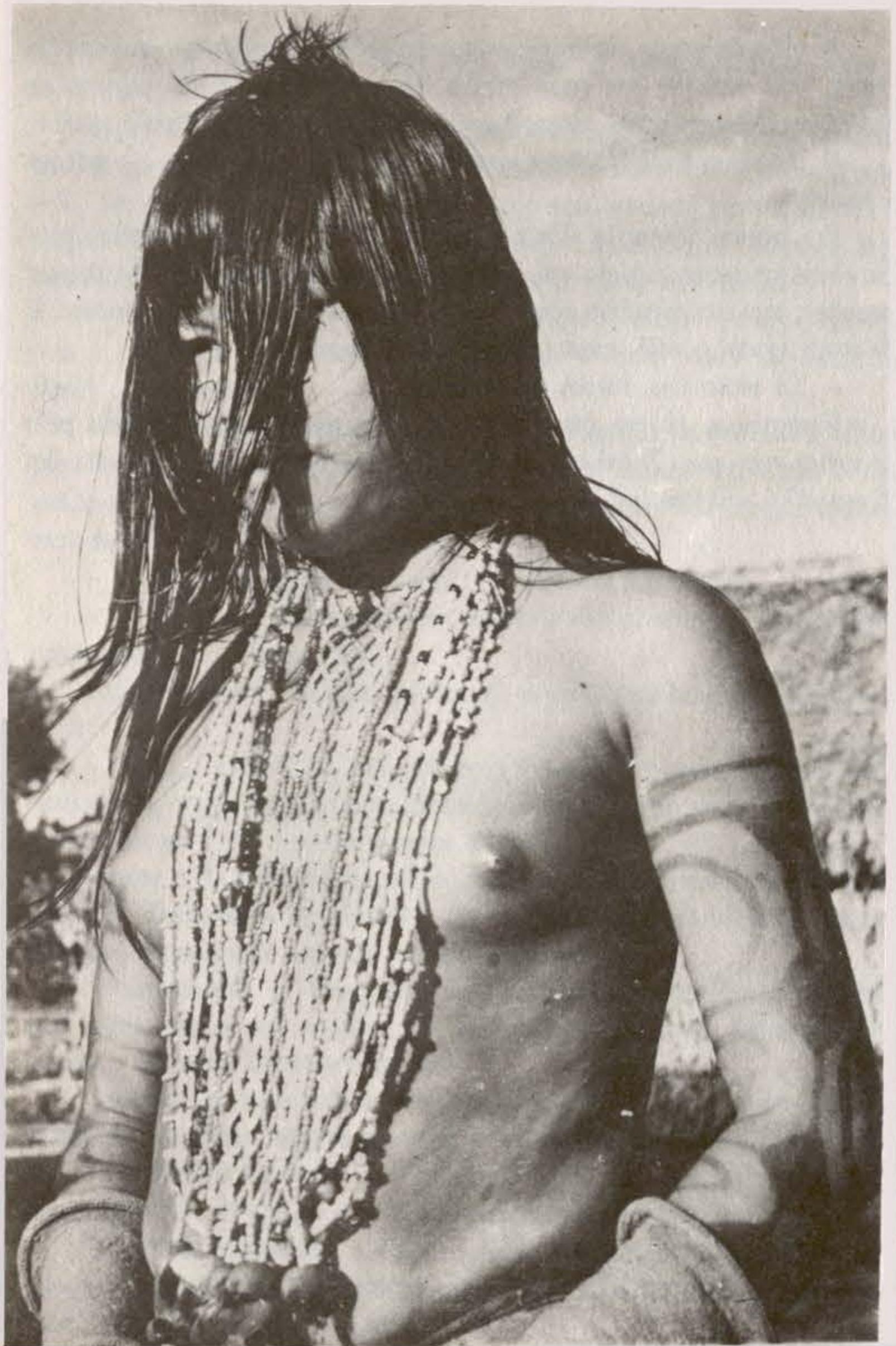
— Acudam todos, fomos enganados, o casal sumiu! . . . — gritava a mulher.

Em pouco tempo a aldeia estava na maior confusão. Todos procuravam qualquer indício que os levasse ao casal. Mas não havia sequer pegadas; era um mistério completo. As buscas entraram pela noite. E de madrugada, o pajé, muito agitado, exclamou:

— Lá estão eles, foram morar no céu! . . .

Realmente, lá em cima, aparecia *Tainahakā* acompanhado pela primeira vez por *Tainá-ni*, uma pequenina estrela, que um dia foi *Kuanadiki*, a jovem *Inā*.

## Amantes Feiticeiras



AMANTES FEITICEIRAS – O domínio das mulheres.

Um misterioso acontecimento estava alarmando a aldeia. Os guerreiros *Inã* estavam sumindo durante as caçadas. Foi então que um rapazinho resolveu rastrear pela trilha dos companheiros.

Seguia ele, cauteloso, e avistou um bando de urubus. Aproximou-se e encontrou, espalhados sob uma grossa árvore, objetos e ossadas dos parentes desaparecidos. Maior foi o seu espanto ao avistar dois monstruosos indivíduos saindo de uma caverna.

— Estou com uma bruta vontade de comer gente! . . . — falou um deles.

— Vamos botar uma espera? . . . Sinto que vamos pegar alguém! . . . — disse o outro.

O rapazinho sentiu-se perdido, e a custo conseguiu refrear o coração e a vontade de sair correndo. Esperou uma oportunidade e arrastou-se, suando frio, pesado como chumbo e pensando coisas desagradáveis. Depois, refeito, correu mais leve que o vento, empurrado pelo medo.

— *Inã biroxikre nhaçã rekā!* . . . (Bugios grandalhões estão devorando gente! . . .) — gritou angustiado e quase sem fôlego, ao chegar à aldeia.

Todos pensavam que ele estivesse delirando, pelo efeito de alguma droga, ou pela febre que o consumia.

— Os bichos comeram os caçadores. Eles são dois ferozes *nhaçã* que andam de pé, têm pelos longos e negros, uma boca enorme com dentes aguçados, fedem mais do que carniça, usam flechas como nós e só falam em comer gente! . . .

A notícia provocou as mais desencontradas reações: uns choravam os parentes, outros blasfemavam, culpando os desafetos, e um terceiro grupo lamentava a falta de um pajé na aldeia.

— Isso é castigo! . . . As almas das coisas tomaram essa forma para nos perseguir e matar! . . . — falou uma velha que fazia às vezes de pajé.

Todos temiam essa frágil feiticeira. Ela possuía dois netos. Um era muito doente e tinha o corpo cheio de feridas. O outro, era o mais valente e esperto caçador que restava.

— Vou atrás dessas feras! . . . — falou o rapaz, depois de preparar algumas flechas especiais para caçar macacos. Elas possuíam, na ponteira longa, uma serrilha. Assim, quando os macacos tentassem arrancar a flecha, só aumentariam o ferimento.

Não adiantaram as advertências da avó, dizendo-lhe que a ocasião era desfavorável; o rapaz estava certo de que vingaria seus mortos.

Durante a rápida caminhada, ele encontrou-se com uma jovem e bela mulher-sapo (que por ser encantada, podia tomar a forma de uma bela mulher ou de um sapo).

— Onde vais com tanta pressa? . . . — perguntou ela, com lânguidos movimentos.

— Vou caçar *nhaçā rekā*! . . . (bugios gigantes!) . . . — respondeu o guerreiro, cheio de coragem, determinação e um pouco de vaidade.

— Se me tomares como amante, te ensinarei um jeito de matar aquelas perigosas feras feiticeiras! . . . — propôs a mulher-sapo.

O rapaz não lhe deu ouvido, pensando que ela estivesse apenas querendo conquistá-lo.

— Destas flechas eles não escaparão — e se você quer arranjar marido, procure outro. Eu é que não caio nessa! . . . — e prosseguiu na caminhada.

— Não seja bobo; por uma coisinha de nada você vai morrer! . . . — gritou-lhe a mulher-sapo, cuspindo nas pegadas do rapaz.

Lá adiante, ele sentiu um forte mau cheiro, característico das feras; por isso, redobrou-se em cuidados, aguçando os ouvidos, o olfato e os olhos, pronto a rechaçar qualquer ataque.

De repente o ar ficou asfixiante, e o jovem, quase sem fôlego, sentiu que havia caído na armadilha das feras. Olhando para cima, deparou-se com os bugios de pé, nos galhos da grande árvore. Eles mostravam-se agressivos e atiravam-lhe um líquido malcheiroso, extraído de seus próprios corpos.

O caçador percebeu que, se não agisse rapidamente, perderia os sentidos e estaria perdido. Por isso, atirou com a melhor perícia e rapidez. Suas flechas resvalavam nos pêlos das feras e se perdiam à distância. Desarmado e tonto, ele tornou-se um alvo fácil para as flechas que as feras lançavam, com boa pontaria.

Enquanto isso, na aldeia, a avó continuava tratando do irmão doente, mas os remédios da velha eram fracos e não surtiam efeito.

Ele já estava cansado de ser doente e abandonado por todos. Então, apanhou sua flecha com ponta de coco e, mesmo cambaleando, foi passarinhar. Depois de muito errar os tiros, sua flecha caiu bem na toca de uma cobra.

— Quem está atacando minha casa? . . . — perguntou a mulher-cobra (que também era encantada), vindo olhar quem era. Depois, olhando melhor o tímido e frágil rapaz cheio de feridas, completou:

— Como você pode caçar, se nem se aguenta em pé? . . .

— Ai, já estou cansado de ser doente, sozinho e imprestável. Meu irmão não volta da caçada, minha avó está velha, e não há quem nos arranje uma caça.

— Bem, eu sou viúva, tenho boa comida e remédios! . . . Se você quiser, posso lhe ajudar! . . . — falou a mulher-cobra.

O jovem entrou na toca; recebeu curativos, alimentos e muito carinho. Voltou para casa coberto de pomada negra e com a recomendação de que não contasse nada sobre o encontro.

A avó desconfiou daquela sujeira no corpo do rapaz e indagou:

— Onde você esteve? . . . Por que está preto desse jeito? . . .

— Andei por aí, sujei-me numa queimada, e tenho uma novidade para lhe contar; seu último remédio está surtindo efeito! . . . — mentiu o rapaz.

Nos outros dias, ele continuou a freqüentar a casa da mulher-cobra e falou de pretender ir procurar o irmão.

— Bem, nesse caso vou preparar umas flechas especiais e mágicas, para caçares os *nhaçā rekā*! . . .

Quando o rapaz despediu-se da mulher-cobra, para empreender a sua aventura, ela lhe entregou as flechas mágicas e recomendou que não desprezasse a ajuda da mulher-sapo, que era sua parenta.

— Onde vai o belo rapaz com tanta pressa? . . . — perguntou a mulher-sapo.

— Vou caçar *nhaçā rekā* e procurar o meu irmão! . . .

— Nesse caso, eu posso ajudá-lo, mas estou tão solitária! . . . Um pouco de amor me faria muito feliz, e lhe daria maior tranqüilidade para enfrentar aqueles perigosos inimigos! . . .

O guerreiro lembrou-se das advertências da mulher-cobra, e se deixou seduzir pela muito sensual mulher-sapo. Ela, felicíssima e querendo conservar o amante, lhe revelou os segredos das feras:

— Eles são aberrações da natureza; têm poderes mágicos e um só ponto fraco, que está entre os olhos. São peritos com as flechas, mas sua principal ofensiva é um líquido asfixiante que lançam à sua volta! . . .

— Puxa vida! . . . Esses bugios são mesmo perigosos! . . . — comentou o rapaz.

— Dê-me suas flechas, que vou ervá-las! . . . — e assim dizendo, a mulher-sapo envenenou-as. Depois, fez invocações e deu proteção mágica ao rapaz. Para completar, ela ainda recomendou:

— Haja o que houver, não atires antes que eles! . . .

Prometendo voltar logo, o caçador seguiu em frente. Avistou os urubus, encontrou os objetos que identificavam os guerreiros mortos e, finalmente, os dois perigosos inimigos, de tocaia, no alto da árvore.

— Vocês estão me caçando? . . . — perguntou com muita calma, aos *nhaçã*.

As feras não o tinham visto chegar; por isso, mostraram-se surpresas.

— Como você chegou aqui? . . . Por acaso pisa mais leve que o ar? . . . — perguntou um deles, com muita desconfiança.

— Olhe só o que arranjamos para comer . . . — exclamou o outro, fingindo calma. Vamos ver se ele é tão bom com as flechas como o último que comemos . . . — completou.

A seguir, passaram a lançar o líquido malcheiroso para tontear o guerreiro.

— O que é isso? Vocês são tão valentes e já estão se mijando de medo? . . . — falou sarcástico o caçador, a quem aquela arma dos bugios não estava afetando em nada.

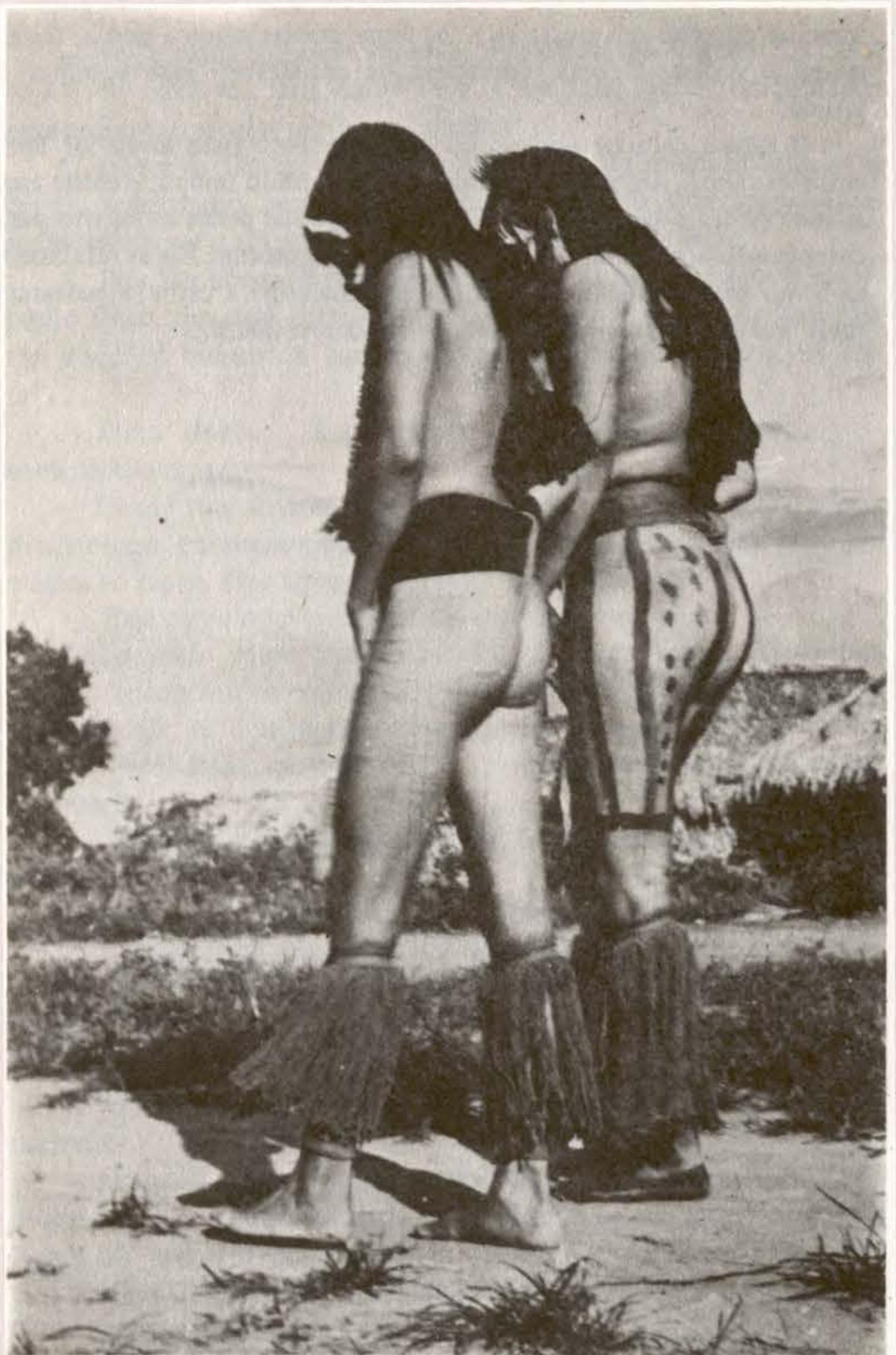
— Atire rapaz, atire! . . . Queremos ver se nos acerta . . . ou está tão bêbado que vai dormir? . . .

— Não tenho pressa, quero vê-los apavorados — porque vão morrer! . . . — assim falando, o caçador sentou-se numa raiz e fingiu que estava distraído e sonolento.

Os perigosos *nhaçã rekã*, comedores de gente, acreditaram que ele estivesse tonto; por isso atiraram, juntos, suas flechas. O guerreiro

tombou por trás da grossa raiz. As feras deram saltos e gritos, festejando a vitória. Depois, apressaram-se em descer para recolher a vítima.

O astuto caçador aproveitou esse momento para alvejá-los bem entre os olhos. Ambos ficaram pendurados muito tempo; e como essa atitude poderia ser um truque de caçador, o *Inã* pediu ao lagarto para desenganchá-los. As feras caíram — e estavam mortas. Ele as retalhou e as levou para a aldeia, onde todos provaram-lhe a carne; e gostaram tanto que não passam muito tempo sem comer *nhaçã*.



A MULHER-COBRA – O domínio das mulheres.

## A Mulher-Cobra

A encantada mulher-cobra, com seus poderes de feitiçaria, havia curado, seduzido e ajudado o jovem a vencer os *nhaçā rekā biroxikre Inā* (bugios gigantes e antropófagos). Por isso, a caminho da aldeia, a primeira coisa que o rapaz fez foi visitá-la, para relatar a sua aventura.

Na intimidade do abrigo, a mulher-cobra lhe havia preparado uma grande surpresa:

— Confeccionei novas flechas mágicas! . . . Elas têm a propriedade de atingir o alvo em qualquer circunstância e voltar até você, trazendo a presa! . . . Umas são para caçar, outras para colher frutas e mel de abelha. E estas são para destruir monstros criados pelas almas da natureza! . . . Todas elas só devem ser utilizadas por você! . . .

O jovem, que antes tinha sido o mais fraco e doente *Inā* da aldeia, fora transformado pela sedutora mulher-cobra no mais forte e poderoso guerreiro.

Os amantes estiveram juntos, até que o guerreiro foi escolhido para esposo de uma jovem. Com o casamento teve de assumir, além de outras obrigações, a tarefa de preparar uma lavoura. E, todas as vezes que se ausentava, recomendava à mulher:

— Não deixe ninguém usar minhas flechas mágicas; elas são perigosas! . . .

A mulher-cobra, continuava viúva e com as filhas também encantadas e bonitas.

Um dia, o cunhado do guerreiro, que também era um grande caçador, conseguiu convencer a irmã a lhe emprestar as flechas mágicas. E lá se foi abatendo tudo que encontrava pelo caminho, e pensando:

— O que eu não puder carregar, os urubus comerão! . . . E continuava caçando.

Por fim, ele encontrou uma imensa colméia e lançou a flecha de colher mel. Ela cumpriu sua tarefa. Mas, accidentalmente, despertou um monstro que habitava o local e cuja cabeça, bocarra e dentes aguçados revelavam a sua feroz intenção.

— Acudam, socorro! . . . — gritava o caçador sendo caçado pelo monstro, enquanto corria o mais rápido que podia, sem lembrar-se das flechas apropriadas para abater a fera.

O animal tinha um apetite voraz; e devorava todos os *Iná* que ia encontrando pelo caminho.

Finalmente, um espírito das florestas revelou ao dono das flechas o que estava ocorrendo. O guerreiro saiu imediatamente em socorro de sua gente e, recuperando suas flechas mágicas, acertou o monstro — e este desapareceu como por encanto.

Triste com o ocorrido, ele foi à casa da mulher-cobra e, sem rodeios, contou-lhe a desgraça que se abatera sobre sua gente. Ela então lhe disse:

— Este foi o teu castigo, por deixares que outros guardassem e usassem tuas flechas! . . . E, também, por me teres abandonado! . . .

O guerreiro foi novamente viver com a encantada mulher-cobra. Mas a amante lhe recomendou:

— Se uma de minhas filhas tentar lhe seduzir, avise-me!

Um dia, a mulher-cobra pediu ao guerreiro que sugerisse, na aldeia, uma pescaria coletiva, para apanhar gordos e grandes pirarucus que proliferavam num lago ali perto.

Ficando tudo acertado, os pescadores puseram-se em marcha, e quando amanheceu o dia já estavam à beira do lago. Armaram as redes de malhas largas, próximo a um sangrador (córrego), e aguardaram as ordens finais:

— Esperem por aqui — disse o guerreiro. — Irei com minha família espantar os peixes nesta direção! . . .

A mulher-cobra seguiu na frente; as filhas um pouco mais atrás, com o guerreiro. Quando já estavam fora da visão dos pescadores e da mãe, uma das moças aproveitou a oportunidade para seduzir o amante da mãe.

Ao se unirem novamente ao grupo, o guerreiro nada falou do seu romance com a jovem. A família entrou no lago, e a mulher-cobra propôs:

— Vamos nos transformar também em pirarucus e, assim, teremos facilitada a nossa tarefa! . . .

O grupo transformou-se em grandes peixes, e foram batendo a cauda para um e outro lado, espantando os outros em direção à armadilha. Mas, no entusiasmo da tarefa, terminaram caindo na rede dos pescadores.

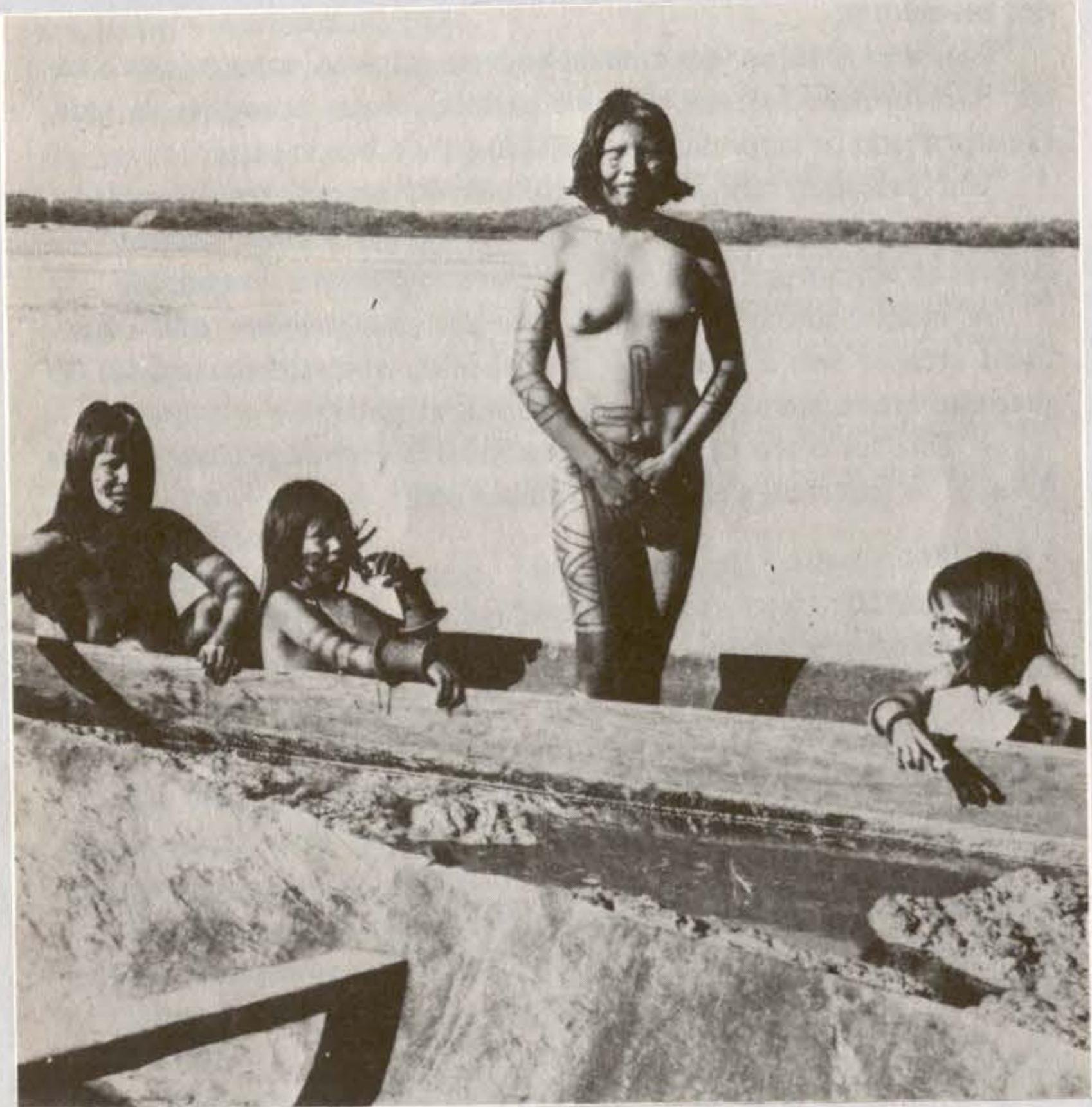
Ela, com as filhas, que tinham poderes mágicos, conseguiram escapar transformando-se em cobras e passando entre as malhas da rede. Ele, apanhado de surpresa, foi arrastado para o baixio.

Um pescador, armado com o *cohoté* (tacape), tentou matá-lo, mas o guerreiro-pirarucu o atacou, tirando-lhe a arma. Outros pescadores atracaram-se com o peixe, e estavam prestes a dominá-lo.

A mulher-cobra, percebendo que seu companheiro não conseguiria escapar sem a sua ajuda, transformou-o novamente em *Iná*. O guerreiro estava muito machucado e quase afogado.

— Este foi o teu castigo, por esconderes a verdade sobre a nossa filha! . . . — concluiu a encantada mulher-cobra.

## Rebelião das Mulheres



REBELIÃO DAS MULHERES – O domínio das mulheres.

— *Tsuu ijasisi hammm!* . . . (Salve o sol nascente! . . .) — cantou o pajé, para saudar o novo dia que vinha, cheio de cores, alegrar a vida.

A este sinal, levantam-se os *Inã* para irem ao banho no *Berohokã* e espantar o sono. Colocam-se em volta das fogueiras, para comer e esquentar o frio, antes de iniciarem suas atividades.

Desta vez, porém, o pajé só conseguiu acordar as gaivotas, que elevaram as vozes e bateram asas, sacudindo o orvalho. As pessoas continuaram ferradas no sono.

O *Heri* (feiticeiro) atiçou a fogueira para clarear sua choça e gritou, zangado:

— *Hei, odenã!* . . . (prostitutas) vamos arrumar a viagem dos homens, que já estamos sem comida. Ele xingou assim as desvairadas mulheres que, em desrespeito aos princípios fundamentais da família, nos últimos dias daquele passado distante, só tratavam de *chuk-chuk* (copular), com o propósito de enfraquecerem os homens.

Nenhuma fogueira foi renovada — e isto era de causar espanto. O velho resolveu investigar, e deu por falta das mulheres. Não havia uma sequer.

— *Diôira! hauku tuhéra!* . . . (Venham todos! As mulheres sumiram! . . .) — gritou ele, assustado.

Os homens, mexeram-se preguiçosamente nas esteiras e deram por falta das esposas.

— Elas não foram ao banho? . . . Ou apanhar lenha? . . . — perguntaram, com a esperança de ficarem mais tempo na cama.

— Nada disso, elas sumiram mesmo, e sem deixar vestígios. — respondeu o pajé.

Os homens levantaram-se e descobriram, também, que haviam desaparecido as canoas, as armas, algumas panelas e, o mais incrível, as Máscaras Sagradas. Sem estas, os Espíritos Protetores não poderiam encarnar nos guerreiros e guiá-los.

O dia pareceu mais longo, com as fogueiras apagadas, as panelas vazias e nenhuma voz de mulher.

— O pajé, onde está o pajé? ... Porque não faz um feitiço? — perguntou o cacique.

— Minha *obi* (varinha mágica) também sumiu. Agora, estou reunindo material para fazer uma outra.

A noite foi escura, fria e tétrica, com um bando de *Kuni-Biná* (almas-danadas) vadiando na aldeia, e assustando todo mundo. Nem mesmo o poderoso feiticeiro teve coragem bastante para doutriná-las.

O sol nascente chegou, inundando o mundo de cores vermelhas, mas sem a costumeira saudação do feiticeiro. Ele estava pessimista e não esperava um dia feliz, com tantos mistérios a serem resolvidos.

*Ubroró* (a sombra), refletida pelo sol batendo nas choças, mudou-se do poente para o nascente, na caminhada do dia, sem qualquer novidade. A aldeia continuava envolta em mistérios, tristezas e inanição. Só o feiticeiro trabalhava, escondido, lá pelas bandas do buritizal.

— *Kuati rarére hauó!* ... (Acolá vêm umas canoas! ...) — gritaram os vigilantes, indicando algo se movendo no *Berohokā*, com a linha do horizonte.

— ??? ... Serão as nossas mulheres? ... Ou alguns inimigos? ...

— Peguem as armas! ... — gritou o cacique, no seu natural instinto de defesa e liderança.

Todos permaneceram como estavam: sem armas, sem coragem — e só um fio de esperança, aguardando o inevitável.

As canoas vinham sobre a esteira do sol, impossibilitando o seu reconhecimento. Quando já estavam próximas da aldeia, os homens ouviram a canção dos guerreiros quando chegam da caçada ou da guerra. Mas, desta vez, quem cantava eram as mulheres.

Os esposos, transbordantes de amor, alívio e alegria, precipitaram-se em recebê-las.

Apenas o pajé manteve-se impassível, analisando o estranho comportamento das mulheres nos últimos tempos: fizeram *chuk-chuk* até a exaustão dos homens; sumiram com as armas, as panelas e as canoas; desapareceram também com as Máscaras Sagradas. Isso tudo, reunido, só queria dizer uma coisa: rebelião das mulheres.

— Parem, vocês aí! ... Agora, escutem bem: quem manda na aldeia somos nós ... as mulheres! Vocês, homens, farão trabalhos domésticos; do contrário, vamos embora de uma vez.

— Essa não! ... — resmungaram os guerreiros, surpresos e feridos na sua masculinidade. Porém, estavam fracos, famintos e sem armas. Pensaram até que tudo aquilo fosse uma brincadeira de mau gosto.

— Elas não perdem por esperar! ... — falou o *Héri* entre dentes, retirando-se para o brejo, onde tramava alguma coisa.

— Tratem os peixes e preparem a comida! ... Arrumem as choças e limpem o terreiro! ... Cuidem das crianças, enquanto vamos descansar — foram as ordens das mulheres. E elas não estavam brincando.

Os homens cumpriam suas ordens, quando alguém observou que os peixes não traziam qualquer ferimento de flecha, ou resíduos de timbó. E já que elas não sabiam pescar, como teriam conseguido tão farta produção? ... Alguém indagou:

— Onde e como vocês conseguiram estes peixes? ...

— Pescando por aí, ora essa! ... E temos nossas próprias armadilhas — responderam elas, enigmáticas; mas não paravam de rir.

Quando os alimentos estavam prontos, elas serviram-se primeiro, e depois às crianças; os homens contentaram-se com as sobras.

As *hauku* (esposas) deitaram-se longe dos maridos, reunidas em grupos e comentando, baixinho, suas atividades e as aventuras com o *Kabiroró Tiantê* ("Jacaré Maluco"). Dormiram logo, para acordarem bem cedo.

A noite dos homens foi triste e tumultuada, como as anteriores, na companhia das sombras e das *Kuni-Biná*. As mulheres, junto às fogueiras, não foram perturbadas.

As rebeladas levantaram-se na hora do *Tsuu ijasisi* e deram suas ordens:

— Limpem a aldeia! ... Lavem as panelas e cuidem das crianças! ... Nós vamos caçar.

Tomaram as canoas e rumaram para a "pescaria", seguindo por um igarapé. De repente, notaram que havia algo debaixo de uma esteira. Levantaram-na e encontraram um garoto, assustado.

— Foi o pajé quem me escondeu aqui. Eu não queria vir, mas ele quer saber onde e como vocês conseguem tantos peixes.

— Não podemos levá-lo! ... Que faremos com ele? ... Vamos afogá-lo!? ...

— Nada disso, vamos colocá-lo num galho de árvore; na volta, o apanhamos.

Encostaram a canoa e mandaram o menino subir na árvore, recomendando-lhe:

— Tome cuidado, que esta floresta é cheinha de feras enormes e famintas . . .

A viagem prosseguiu, até que chegaram a um lago profundo, de águas negras e misteriosas, parcialmente cobertas de plantas que se estendiam até uma ilha.

Elas encostaram as *hauó* (canoas) e dividiram-se em grupos: umas preparavam fogueiras e panelas; outras procuravam frutas silvestres, e um terceiro grupo enfeitava-se com resinas e plumas coloridas.

— Ei, *Kabiroró Tiantê!* . . . traz peixinhos pra nós! . . . — gritavam as mulheres, emplumadas.

Enquanto ele não chegava, elas brincavam, tentando pescar mesmo com as mãos, correndo nas águas rasas junto à praia.

— Quem invadiu os meus domínios? . . . — perguntou um enorme jacaré, fingindo não reconhecê-las do dia anterior.

— Olhem! — gritaram umas jovens apavoradas, apontando o animal no meio do lago.

As mulheres, enfeitadas, deram boas gargalhadas, divertindo-se com o receio das ingênuas companheiras.

— Ele é apenas um bondoso e solitário *Kabiroró Tiantê!* . . .

— U-lalá! u-lalá! . . . — exclamou o bicharoco, escancarando a boca e lambendo o beiço de alegria. Bateu com a cauda n'água, atirando uma porção de peixes na praia.

As mulheres cozinheiras foram logo prepará-los. As “*odenâ*”, enfeitadas e entusiasmadas, receberam o “jacaré” e deitaram-se com ele, rolando nas areias em louca devassidão.

O *Kabiroró Tiantê* usou e abusou dessas mulheres, até que, cansado, deitou-se comodamente em suas pernas e dormiu, enquanto elas, carinhosamente, faziam-lhe cafuné.

Ao meio dia, outras mulheres chegaram com cestos cheios de frutas. Todas almoçaram e serviram sobremesa ao amante.

Preparando a viagem de volta, o “solitário e bondoso *Kabiroró Tiantê*” atirou-lhes grande quantidade de peixes nas canoas, e elas, satisfeitas, navegaram pelo igarapé, recolhendo, no caminho, o menino. E chegaram à aldeia.

— Tratem os peixes e preparem a comida! . . . Cuidem das crianças, enquanto vamos descansar — repetiram as mulheres.

Os homens, embora submissos, observaram que algumas esposas estavam enfeitadas, e isso só ocorre quando fazem alguma festa. Nas canoas, havia restos de frutas e de comidas. Então, pensaram:

— As mulheres estão nos traindo . . .

Chamaram o garoto às escondidas e lhes perguntaram aonde foram as rebeladas. O menino contou-lhes tudo que viu, do alto da árvore onde se escondeu.

— Essas “*odenâ*” precisam de uma boa lição! Onde já se viu fazer *chuk-chuk* até com um “jacaré maluco”!? . . . — comentaram.

O feiticeiro ficou *Teburé-Titire* (zangadíssimo) e, resmungando, sumiu na trilha do pantanal. Ali, ele fazia um pacto com os espíritos das águas e trabalhava numa confecção estranha:

— É engraçada e parece muito alegre! . . . Ninguém suspeitará de sua missão. Agora, com os cuidados especiais, estará pronta para entrar em ação.

O pajé vibrou sua nova varinha mágica, invocando as forças da natureza e, depois, soprou fumaça de seu cachimbo sobre a peça totêmica. Quando achou que tudo estava bem, voltou para a sua choça.

À noite, quando todos estavam deitados, um novo personagem mitológico apareceu, cantando e dançando de forma alegre e original, na aldeia.

Uma cabaça-careta formava a cabeça; das bordas inferiores, pendiam longas tiras de cipó, que formavam o corpo de um gigante gorducho. Era engraçado, desajeitado e “inofensivo” . . .

Nas suas correrias e voltejos, o *Wadiôrômâni* entrava nas choças, fazendo gracejos e sumindo nas sombras, com muita “inocência”.

*Tsuu ijasisi hammm!* . . . — cantou bem alto o pajé, festejando o alvorecer. A este sinal, levantaram-se os guerreiros e dominaram as mulheres, com as armas que o *Wadiôrômâni*, o herói engraçado, havia roubado enquanto brincava. As revoltosas, estavam hipnotizadas e não reagiram . . .

— Agora, vocês voltarão às atividades domésticas, que são próprias para mulheres! . . . Nós, que sempre fomos guerreiros, vamos caçar.

Eles tomaram as canoas e seguiram direto para o lago. Esconderam as armas; prepararam as fogueiras e panelas; enfeitaram-se com plumas e chamaram:

— Ei, *Kabiroró Tiantê!* . . . traz peixinhos pra nós! . . . — gritaram, imitando as mulheres.

— U-lalá! u-lalá!... — exclamou o “jacaré encantado”, atirando grande quantidade de peixes na praia. A seguir, sem desconfiar de nada, ele foi direto encontrá-las.

— Calma, calminha benzoca!... Estamos muito cansadas da viagem — disseram os homens, disfarçando as vozes, e apressando-se em fazê-lo dormir.

O jacaré, acomodado sobre as coxas dos homens, adormeceu. E eles, escapulindo devagarinho, apanharam as armas e, reunidos em volta do bicho, desferiram seus tacapes com força e vontade.

Terminada a vingança, tiraram-lhe a pele e cortaram-no em postas, misturando-o aos peixes — e regressaram à aldeia. As mulheres preparam a comida, e nem desconfiaram que jantaram o amante.

No dia seguinte, elas souberam de toda a verdade. As que fizeram *chuk-chuk* com o *Kabiroró Tiantê* arranjaram umas flechas e tentaram acertar os maridos.

Os guerreiros, com a honra lavada, não levaram a sério o desafio das mulheres; mesmo porque elas não sabiam colocar a flecha no arco, atirando-as com as penas voltadas para a frente.

Ainda zangadas e prenhes, elas abandonaram a aldeia, internando-se nos pântanos. Ali tiveram seus filhos e, com eles, formaram uma nova espécie de gente, denominada:

— U-lalá, u-lalá!... *Kabiroró Tiantê*. E, por serem parentes, os *Iná* não os caçam.

## O Dilúvio

Com o passar do tempo, as aldeias foram se multiplicando. *Idianakatu* (o primeiro guardião), *Kananciué Iná* (o deus-homem) e outros *ohoti bedu* (poderosos feiticeiros), já estavam como imagens irreais na mente da pessoas.

Certo dia, *Kobehi*, um aprendiz de feiticeiro, resolveu preparar uma *hetô-hokā* (festa da casa grande). E, para que todos soubessem, mandou levantar um mastro para enfunar uma longa esteira.

Imediatamente, saíram emissários para as aldeias vizinhas, enquanto o povoado se preparava para os festejos, com grande agitação de seus moradores. As mulheres limpavam o terreiro, preparavam os alimentos, as tintas de genipapo e urucu, os refrescos e os vinhos. Os rapazes exercitavam-se para as competições e as danças, reformavam as Máscaras Sagradas e os adornos de penas. Os mais destros guerreiros saíram para uma grande caçada.

Depois de muito caminharem, os caçadores chegaram a uma vasta e verde campina, onde pastavam inúmeros veados. Combinaram o ataque e saíram rastejando contra o vento, para que os animais não sentissem o seu cheiro. Avançaram, trêmulos pela emoção da caçada, suando pelo esforço de occultarem-se na relva, e receosos de que um simples ruído espantasse a caça.

Os espertos veados pareciam sentir o perigo iminente. As gazelas, cautelosas, batiam a pata no chão para atrair os filhotes, enquanto os galheiros abocanhavam o capim e comiam-no devagar — olhando e farejando, para a proteção da manada.

Os guerreiros já estavam bem perto dos alvos e, mesmo deitados, retesaram o arco, aguardando o sinal para dispararem a flecha.



O DILÚVIO – O Fim do Mundo pela Água

Porém, como num passe de mágica, surgiu, bem no meio da manada, um *Inã*. Os veados assustaram-se e bateram em retirada, dando saltos graciosos e rápidos, enquanto os caçadores ficaram momentaneamente sem ação — e exclamando a um só tempo:

— Oh! ... *Teki tiantê!*! ... (Ele é um louco! ...) Espantando dessa forma a nossa preciosa caça! ...

— É incrível! ... Estaria ele entre a manada? ... Ou teria um deles se transformado em *Inã*? ... — indagou alguém.

O estranho homem, também correndo e aos saltos, dando risadas e gritos estridentes, num misto de alegria e agressividade, aproximou-se dos perplexos caçadores, como se aquele encontro inesperado fosse a coisa mais importante do mundo.

— Ei, pessoal, lembram-se de mim? ... Sou *Kananciué Inã*!

Sua aparição, naquele instante, só lhes trouxe frustrações e desconfiança. E, para agravar a situação, ninguém entendia uma só palavra do que ele dizia.

— Esse indivíduo deve estar dominado por alguma alma dana-  
da! ... É melhor não perdê-lo de vista — comentavam.

*Kananciué Inã*, para quem o tempo não contava, talvez não tivesse percebido que aquela gente não era a mesma do começo do mundo. E, por isso, ficou chocado com a fria e até certo ponto hostil recep-  
ção.

— Vamos levá-lo a *Kobehi*. Talvez o velho sábio possa entendê-lo e até curá-lo! ... — propôs o chefe do grupo.

*Kananciué Inã*, mesmo falando, gesticulando, cantando ou dan-  
çando, não conseguia fazer-se entender. E o máximo que conseguiu foi ser levado, sob constante vigilância, até a aldeia.

*Kobehi* sabia que no remoto passado existira um *Kananciué Inã*, pois aprendera, através dos antigos pajés, que Deus havia tomado a forma humana e partilhado da vida terrestre. Mas aquele sujeito, ali à sua frente, só poderia ser um impostor. Por isso, não lhe deu impor-  
tância e mandou prosseguirem com o *hetô-hokã*.

À noite, chegaram de canoas os últimos convidados. E, defronte à aldeia, acenderam tochas de palha que lançavam línguas de fogo para o alto, iluminando e colorindo tudo à sua volta, num espetáculo maravi-  
lhoso.

Ao desembarcarem, foram calorosamente recebidos por dan-  
çarinos e levados para o terreiro do *hetô-hokã*, onde a festa atingia o auge — sob o efeito dos vinhos, da excitação coletiva e do amor livre.

*Kananciué-Inã* estava chocado com tamanha confusão. E, o que era pior, suas atitudes pareciam cômicas. Por fim, ele pediu:

— *Koti bedeõnkre!* . . . (Tragam-me fumo! . . .)

Riram-se dele e deram-lhe comida, vinho e mulher.

— *Aritókre uarikókó!* . . . (Quero um cachimbo!) — gritou exasperado, apontando o cachimbo que estava na mão de *Kobehi*.

Quem estava por perto ria-se dele, porque aquele fumo era mágico; só o aprendiz de feiticeiro conseguia fumá-lo e continuar sóbrio.

*Kobehi* abasteceu melhor o cachimbo e o passou para *Kananciué-Inã*, sob o olhar divertido dos que antegozavam os resultados.

*Kananciué Inã* fumou bastante e, de repente, começou a cantar, dançar e dar saltos. Depois, brandia o braço como se estivesse com um *obi* (varinha mágica), e dizia palavras esquisitas. Finalmente, caiu em profundo sono.

Os *Inã*, que estavam mais sóbrios, sentiram que algo misterioso envolvia realmente aquele personagem, e ficaram com medo, muito medo, terminando por contagiar os outros, provocando a fuga de todos os *Inã*.

Embriagado pelo fumo, ou mergulhado no mundo das sombras, *Kananciué-Inã* permanecia inconsciente e só, na aldeia. E, quando despertou, perguntou:

— *Iheué ãrolákre Maheico, Idianakatu, Alobederi e o Tsuú?* . . . (Onde estão *Maheico, Idianakatu, Alobederi* e o *Tsuú?* . . .).

Ele acabava de chamar pela ex-esposa *Maheico* e pelos principais *ohoti bedu* (poderosos feiticeiros) dos velhos tempos, que estavam esquecidos pela novas gerações.

Os fugitivos seguiam de canoas pelo *Berohokã* (grande rio) e *Kananciué-Inã* resolveu castigá-los. Atirou para o alto cabaças com água, sobrecarregando a *biu-é-tek* (casa da chuva, o céu) e, a seguir, transformou-se em uma piranha, para comandar a perseguição aos *Inã*.

As nuvens foram se avolumando e cobrindo o céu de negro, até que tudo se transformou em noite escura e explodiu em tempestade. Flechas incandescentes cortaram o espaço e incendiaram as florestas. Os ventos açoitavam as chuvas e encrespavam as águas, que foram crescendo e unindo todos os rios num grande lago.

Os animais, em louca correria, buscavam as elevações. Os mais afortunados apanhavam carona em tudo que flutuava. Os *Inã*, lutavam contra a fúria das águas em suas frágeis *ubás*, que eram atiradas ou envolvidas pelas ondas.

As águas continuaram subindo, e foram engolindo a superfície da terra, até que só restaram duas elevações, onde os sobreviventes tentaram desembarcar. Mas, eram puxados e afogados pelos peixes a serviço de uma *ohoti diutá* (poderosa piranha feiticeira).

Os poucos *Inã* que restavam, sentindo que não escapariam à ira da piranha feiticeira, uniram-se a *Kobehi* e, num último esforço, lembraram-se de invocar as forças mágicas, pedindo ajuda dos *ohoti bedu Idianakatu, Kananciué* e outros poderosos feiticeiros.

Nesse último instante, aplacou-se a ira de *Kananciué Inã*, e à proporção que os *Inã* atiravam-se aos braços da morte na fúria das águas, eram transformados nos eternos *Aruanã* (peixes que deram origem aos *Inã-Son-Wéra* — Gente verdadeira) e foram habitar os lagos profundos, nas entranhas da terra.



INÃ-SON-WÉRA – III.<sup>a</sup> Origem do Karajá.

## Inã-Son-Wéra

Os *aruanãs* eram peixes eternos que habitavam os lagos profundos nas entradas da terra. Um dia, porém, *Hariuá*, um jovem e esperto *aruanã*, curioso e aventureiro, nadou mais distante e encontrou um *hero-tsuú* (raio de luz).

Imediatamente, lembrou-se das sábias advertências de *Kobêhi*, o mais velho mestre e misterioso pajé *aruanã*.

— “Fujam do *hero-tsuú*! . . . Ele atravessa um estreito e longo corredor que leva ao sofrimento, ao perigo e à morte . . .”

O moço *aruanã* quis fugir. Mas, o que significavam aquelas palavras estranhas de *Kobêhi*? . . . Ah! deixa pra lá — pensou.

Curioso como era, arriscou-se a uma olhadela através do raio de luz. Nada aconteceu, tudo estava tranquilo e cintilante. Apenas, descobriu sua sombra.

Divertiu-se, vendo que ela o imitava. De súbito, assustou-se, lembrando-se das advertências do pajé. Foi recuando, recuando, e correu para junto de seus amigos. Não falou de suas descobertas.

Recolheu-se mais cedo e sonhou com estranhas regiões. Acordou e foi direto brincar no *hero-tsuú*.

— Por que o velho não nos quer aqui? . . . — perguntava *Hariuá* à sua sombra.

— Certamente é segredo antigo . . . ou quem sabe, apenas um capricho . . . — respondia ele, fingindo ser a sombra.

O jovem *aruanã*, não brincava mais. Somente olhava longe, bem longe, através do estreito corredor.

— Quem sabe se não seria melhor darmos uma olhada por aí . . .  
— Que esperamos? . . . — perguntou a “sombra”.

Tomado pelo espírito de aventura, o moço foi entrando de mansinho, de mansinho... Depois, distraído pelas novidades, foi esquecendo o receio e alegrando-se com as novas descobertas.

Finalmente, chegou lá fora e ficou deslumbrado com o ambiente, cheio de luz e calor.

— Puxa vida!... Como é lindo isto aqui!

Estava num lago atapetado de flores, rodeado de verdes campinas e árvores frutíferas. O céu azul era enfeitado de nuvens brancas e passáros coloridos que voavam em todas as direções.

Transbordante de felicidade ele nadava graciosamente, dando voltinhas à superfície, num admirável festival. Distraído, enveredou num igarapé e chegou ao *Berohokā* (Araguaia).

Com o esplendor do rio Araguaia, suas praias alvíssimas e brilhantes, *Hariuá* pensou que iria arrebentar de tanta felicidade.

— Agora, só faltava mesmo era ter liberdade para correr nas areias finas e macias... — falou o moço aruanã.

De repente, sentiu uma estranha mutação. Seu corpo foi crescendo, crescendo e transformando-se em *Inā-Son-Wéra* (gente verdadeira).

Com a nova forma, libertou-se das águas e extravasou seus desejos nas delícias do novo mundo: rolando nas areias mornas, correndo nos campos, sentindo o perfume das flores, ouvindo os pássaros, seguindo os macacos nas ávores, descobrindo o mel de abelha e frutas deliciosas...

Parou, lembrando-se de seus companheiros e de tudo que dizia o pajé: — “Fujam do *hero-tsuú*!... ele atravessa um estreito e longo corredor que leva ao sofrimento, ao perigo e à morte...”

— O que representarão estas palavras?... Seriam aquelas coisas boas que estava experimentando, ou *Kobêhi* já estava misturando as coisas na sua cabeça de velho feiticeiro?...

O moço *Inā* resolveu tirar tudo à limpo. Atirou-se às águas e nadou, vigorosamente, no caminho de volta. Passou o igarapé e chegou ao Lago de Pedra.

— Que está acontecendo comigo?... Parece que estou encolhendo... E mudando de forma...

Operou-se a transformação e ele voltou a ser *aruanã*. Com agilidade, passou pelo estreito corredor e chegou ao lago profundo, nas entranhas da terra.

Estava sendo esperado, e foi levado imediatamente à presença de *Kobêhi*, o velho e sábio guardião da eternidade.

— Onde andaste, meu jovem?...

— Bem, eu estava brincando no *hero-tsuú*!...

O velho *aruanã* ficou lívido de espanto. O segredo milenar, tão sabiamente defendido, estava em vias de ser revelado. E seu povo estaria irremediavelmente perdido.

— Certamente não passaste da gruta aonde chega o perigoso raio de luz, não é?... — perguntou o pajé, embora seus poderes místicos lhe houvessem revelado a terrível realidade.

— Saí até a superfície e conheci o novo mundo!...

A perplexidade foi geral. E o ambiente ficou conturbado com a notícia e os protestos de *Kobêhi*.

— Estamos perdidos!... Nossas leis foram violadas!... *Kanan-ciué* vai retirar nossa imortalidade, e vocês vão conhecer o sofrimento, o perigo e a morte!...

Desolado, o feiticeiro não parava de afirmar:

— Tudo lá fora é ilusão; a feliz eternidade está aqui!...

*Hariuá*, eufórico e inconsequente, não parava de relatar tudo que viu e sentiu em sua estranha aventura, no mundo exterior.

— Queremos ir lá fora!... — diziam os jovens, exaltados.

— Queremos ir também!... — repetiam os adultos, aderindo ao movimento.

O assunto foi sendo alimentado nas conversas e também nos sonhos. Finalmente, romperam-se os grilhões convencionais da razão, e eles se atiraram à aventura.

— Escutem todos vocês!... Infeliz de quem transpuser a barreira da eternidade!... Desgraçados os que forem morar lá fora, onde a vida é falsa, sofrida e curta!

De nada serviram estas advertências. A grande maioria das famílias *aruanãs* já estava no estreito corredor do *hero-tsuú*.

— Vão, infelizes!... A morte tem sua morada nessa terra enganosa. Mas proíbo que dêem o meu nome a seus descendentes.

Eles foram, e finalmente chegaram à superfície do Lago de Pedra — e constataram, com todos os sentidos, as verdades decantadas por *Hariuá*.

— Puxa vida!... Como é lindo isto aqui!... E repetiram, em toda a plenitude, as façanhas de *Hariuá*.

Chegando ao Araguaia, transformaram-se em *Inā-Son-Wéra*, e adaptaram-se logo ao novo mundo. Viviam deslumbrados com as maravilhas da natureza. Até que a morte ceifou a primeira vítima.

Morreu um *Karajá*, depois outro, e mais outro. Então, eles ficaram em pânico.

— É a maldição de *Kobêhi*! . . . — pensaram.

— O que faremos? . . . — perguntaram ao *heri-tamārā* (aprendiz de feiticeiro)

Ele, porém, tentava comunicar-se com os espíritos *aruana*s, ou descobrir, no novo mundo, alguma espécie de cura. Os resultados, ainda eram poucos.

— Não devíamos ter vindo! . . .

A inquietação apoderou-se dos *Inā-Son-Wéra*. Dispersaram-se, ao longo do rio Araguaia, formando pequenas aldeias, bem distantes dos domínios de *Kobêhi*.

— “*Kananciué* vai retirar a nossa imortalidade, e vocês irão conhecer o sofrimento, o perigo e a morte! . . .”

A duras provas, descobriram o significado destas sentenças do guardião *Kobêhi*.

Poucas famílias tentaram voltar às suas origens. Atiraram-se às águas, transformaram-se em *aruana*s e rumaram para o lago de pedra, onde existe a passagem para a eternidade.

— Que é aquilo? . . . — perguntaram-se, ao avistarem uma grande e perigosa serpente, bem na entrada da gruta.

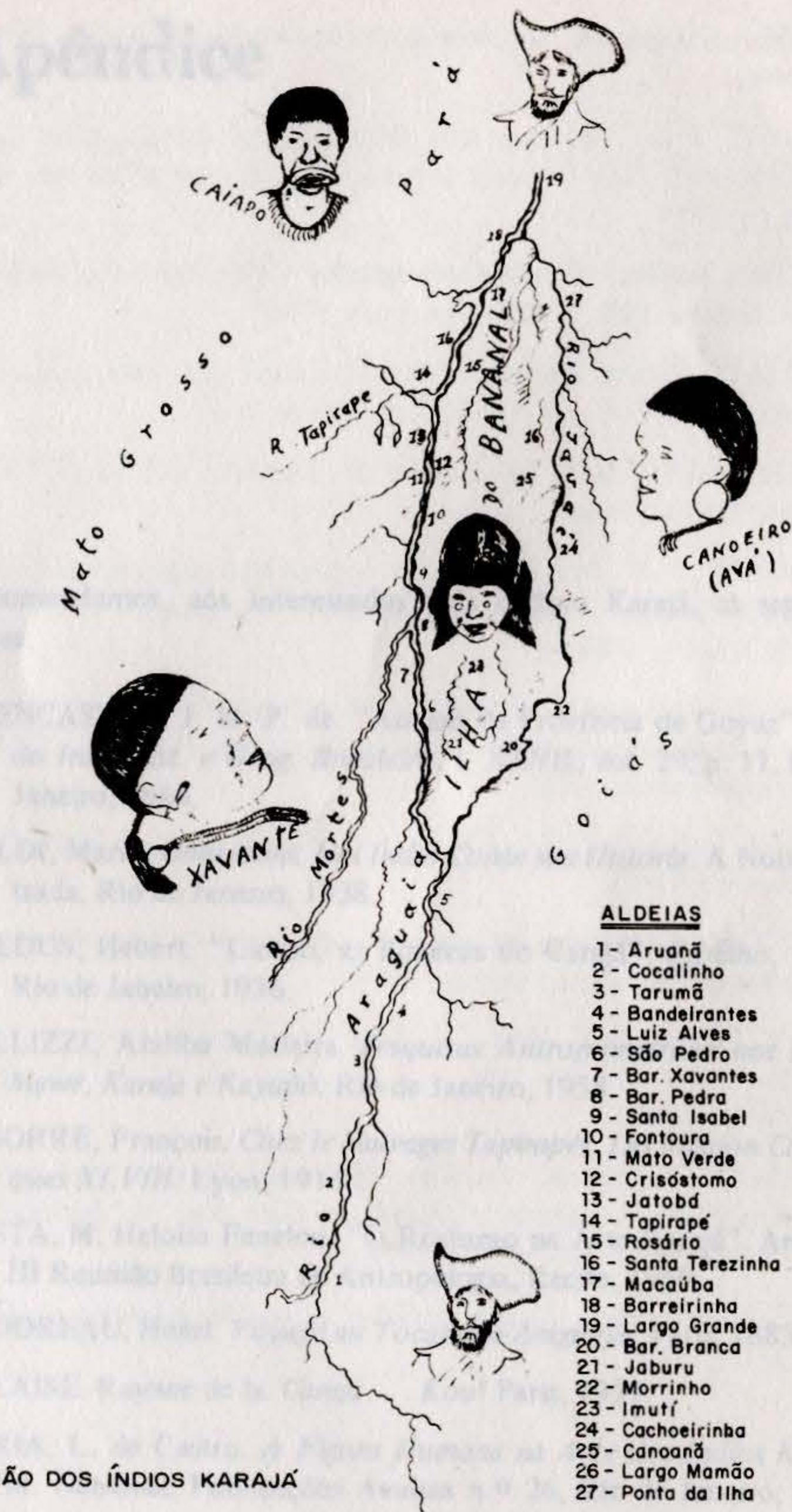
— Só pode ter sido ali colocada por *Kobêhi*, para impedir o nosso retorno! . . .

— Vamos permanecer como *aruana*s e, quem sabe, um dia destes a *remálalá* vai permitir que passemos? . . .

Com esta esperança, os *aruana*s continuam aguardando a oportunidade para atravessarem, com o *hero-tsúú*, até aos lagos profundos, nas entranhas da terra, onde terão a vida eterna.

— O estreito e longo corredor, por onde passa o raio de luz, ainda existe! . . . — afirmam os velhos *Inā-Son-Wéra*, levando os jovens *Karajá* para conhecerem sua região, no Lago de Pedra.

— Olhem! Fica logo embaixo daquele poço profundo! . . . Estão vendo aqueles peixes *aruana*s? . . . Não os matem! São os nossos parentes! . . .



REGIÃO DOS ÍNDIOS KARAJÁ

## Apêndice

Recomendamos, aos interessados pela cultura Karajá, as seguintes obras:

- ALENCASTRE, J. M. P. de. "Annaes da Província de Goyaz". *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, t. XXVII, vol. 29, p. 11, Rio de Janeiro, 1864.
- BALDI, Mario. *Uoni-Uoni, Um Índio Conta sua História. A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1938.
- BALDUS, Hebert. "Licocó, as Bonecas do Carajá". *Espelho*, n. 12, Rio de Janeiro, 1936.
- BELLIZZI, Ataliba Macieira. *Pesquisas Antropométricas nos Índios Mawé, Karajá e Kayapó*. Rio de Janeiro, 1958.
- BIGORRE, François. *Chez le Sauvages Tapirapés, Les Mission Catholiques XLVIII*. Lyon, 1916.
- COSTA, M. Heloisa Fenelon. "O Realismo na Arte Karajá". Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia, Recife, 1959.
- COUDREAU, Henri. *Voyage au Tocantins-Araguaya*. Paris, 1883.
- FALAISE, Rayane de la. *Carajá . . . Kou!* Paris, 1939.
- FARIA, L. de Castro. *A Figura Humana na Arte dos Índios Karajá*. M. Nacional, Publicações Avulsas n.º 26, Rio de Janeiro, 1959.
- FONSECA, J. Pinto da. "Gentio Karajá" (carta). *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, t. LXXXIV, Rio de Janeiro, 1920.

- JARDIM, Joaquim R. de Moraes. *O Rio Araguaya*. Rio de Janeiro, 1880.
- KRAUSE, Fritz. "Beitrage zur Ethnographie des Araguaya-Xingu-Gebietes". XXI Congrès International des Américaniste, Göteborg, 1924.
- LIPKIND, William. "Carajá Cosmography". *The Journal of American Folk-Lore*, LIII, n. 210, New York, 1940.
- MACHADO, Othon Xavier de Brito. *Os Carajá*. Con. Nac. de Proteção aos Índios, Pub. n.º 104, Rio de Janeiro, 1947.
- MAGALHÃES, Couto de. *Viagem ao Araguaya*. 3.<sup>a</sup> ed., XXXVIII, São Paulo, 1964.
- MALCHER, J. M. da Gama. *Índios – Grau de Integração na Comunidade Nacional – Grupo Lingüístico – Localização*. C.N.P.I., Rio de Janeiro, 1964.
- MATTOS, Raimundo J. da Cunha. "Chronographia Histórica da Província de Goyaz". *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, XXXVII, Rio de Janeiro, 1824.
- PALHA, Don Luiz. *Índios Curiosos*. Gráfica Olímpica Editora, Rio de Janeiro, 1942.
- PERET, João Américo. *População Indígena do Brasil*. Civilização Brasileira/MEC, Rio de Janeiro, 1975.
- REAL, Thomaz de S. Villa. "... Rios Tocantins, Araguaya e Vermelho". *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, XI, 2.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, 1891.
- RONDON, Cândido M. da Silva. *Índios do Brasil – Cabeceira do Xingu, Rio Araguaia e Oiapoque*. Con. Nac. de Proteção aos Índios, vol. II, Pub. n.º 98, 1953.
- WUSTMANN, Erich. *Karajá, Indianer vom Rio Araguaia*. Radebeul, 1959.

MACHADO, Domingos R. da Mota. *O Rio Araguaia*. São Paulo, 1960.

MACHADO, Vilas. "Recherches sur l'Ethnographie des régions d'Amazone et de Guaporé". XXI Congrès International des Anthropologues, Genève, 1924.

MARSHALL, William. "Caragi Convicting". *The Journal of American Folklore*, Vol. 23, Jan. 1910, 1910.

MACHADO, Odilon Ximenes de Oliveira. *Os Gêneros Cômicos Nós, os Protagonistas nos Indianos*. Publ. n.º 9100. Rio de Janeiro, 1962.

MACHADO, Odilon. *Costume dos Indianos do Araguaia*. 3<sup>a</sup> ed., 1933/1934. São Paulo, 1934.

MACHADO, J. M. da Graça. *Festas — Gênero de festa popular no Brasil*. Rio de Janeiro — Centro Popular — Documentação. C.N.P.D., Rio de Janeiro, 1964.

MATOS, Belmiro J. da Costa. "Círio nas cidades Históricas do Piauí e de Goiás". *Rev. da Imp. Hist. e Cienc. Brasileira*, 2000VII, Rio de Janeiro, 1934.

MATOS, Dona Luisa Soárez Cardoso. Gráfica Olímpica Editora, Rio de Janeiro, 1962.

MATOS, José Antônio. *Princípios Antropológicos do Brasil*. Civilização Brasileira MEC, Rio de Janeiro, 1975.

MATOS, Thomas da S. Viana. "Raiz Tocantins. Antropologia e Xavante". *Rev. da Imp. Hist. e Cienc. Brasileira*, 2000VIII, Rio de Janeiro, 1935.

MONTANHES, Consuelo M. da Silva. *Índios da província de Amazonas*. Rio Amazonas e Oiapoque. Cop. 1940, de Protagonista nos Indianos, vol. II, Publ. n.º 9100, 1933.

MONTAGNA, Renato. *Brasil e o Brasil*. Rio Antônio, Macapá.

Composto e impresso na  
**GRÁFICA PORTINHO CAVALCANTI LTDA.**  
Rua Irineu Marinho, 30 - s/loja 206  
Tel.: 224-7732 (PABX)  
Rio de Janeiro — RJ